



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

FERNANDA CAROLINA SANTOS ARAUJO

**AS PARTICULARIDADES DA LINGUAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NOS  
ESTUDOS DE KANNER**

SÃO LUÍS  
2018

FERNANDA CAROLINA SANTOS ARAUJO

**AS PARTICULARIDADES DA LINGUAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NOS  
ESTUDOS DE KANNER**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da  
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do  
grau de bacharel em Psicologia (Formação de  
Psicóloga).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Júlia Maciel Soares-Vasques

SÃO LUÍS  
2018

Ficha Catalográfica gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pela autora.

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

A663a

ARAUJO, Fernanda Carolina Santos.

As particularidades da linguagem das crianças autistas nos estudos de Kanner / Fernanda Carolina Santos Araujo. - 2018.

55 f.

Orientador(a): Júlia Maciel Soares-Vasques.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Autismo. 2. Constituição Psíquica. 3. Infância. 4. Linguagem. 5. Psicanálise. I. Soares-Vasques, Júlia Maciel. II. Título.

CDD 150

FERNANDA CAROLINA SANTOS ARAUJO

**AS PARTICULARIDADES DA LINGUAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NOS  
ESTUDOS DE KANNER**

Aprovado em:    /    / 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Júlia Maciel Soares-Vasques**

Orientadora

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Isalena Santos Carvalho**

Avaliadora

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Lorena Rodrigues Guerini**

Avaliadora

## AGRADECIMENTOS

À Prof. Dr<sup>a</sup> Júlia M. Soares-Vasques por sua dedicação e incentivo a este trabalho e por me apresentar, através do GEPPI, temáticas que me conduziram a este momento da graduação.

À Prof. Dr<sup>a</sup> Isalena Carvalho, à Prof. M.<sup>a</sup> Lorena Guerini e ao M.e Willian Amorim pela disponibilidade para compor a banca e avaliar este trabalho.

À minha mãe Maria José e ao meu irmão Alexandre, que sempre me incentivaram e não me deixaram desistir nos momentos de maior dificuldade. E por todas as risadas e carinho, e pelas brigas também.

Às minhas tias, Maria da Glória e Maria de Lourdes, por sempre se fazerem presentes na minha vida, me oferecendo seu amor e alegria.

À minha prima do coração, Maria Rafaela, por me apresentar um mundo de possibilidades e sempre acreditar em mim.

À Jessica Moraes e Paula Lopes, amigas de longa data, por todo o apoio e por me proporcionarem os momentos mais divertidos e surreais.

Ao meu namorado Artur, por todo o amor e paciência, por sempre estar comigo e tornar o caos um lugar melhor. Por ser calma no meio da tempestade.

À Roberta Soraya, por ser um dos encontros mais bonitos que a UFMA me proporcionou, por me ensinar sobre amor, coragem e arte, e por não me deixar desistir.

Às irmãs que o curso de Psicologia me deu, Raissa Rocha e Marina Coelho, por todos os momentos de alegria e desespero e por me ensinarem sobre paciência e cuidado.

A todos os professores e professoras do curso de Psicologia da UFMA que se comprometem com o ensino e a formação do Psicólogo, obrigada por todo o aprendizado.

*“Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmo-nos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Num outro nível de vínculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo”*

*(VELOSO, 2018)*

## RESUMO

Pretende-se discutir as particularidades da linguagem das crianças autistas nos estudos de Kanner através da ótica da psicanálise. Para tanto, este trabalho realizou o seguinte percurso teórico: discorreu sobre a entrada do humano na linguagem e caracterizou o autismo dentro do referencial psicanalítico. A partir da análise do texto de Kanner, agruparam-se as particularidades da linguagem apresentadas por ele em sete categorias e em seguida foi realizada uma discussão ancorada em autores pertinentes a esta temática. Conclui-se que as particularidades da linguagem apontam para um modo de funcionamento autístico, que busca fazer um uso da linguagem ancorado numa repetição inflexível, na ausência de uma imagem totalizante e na recusa do lugar de sujeito da enunciação. Várias estratégias são utilizadas pelas crianças autistas para evitar e controlar a dimensão enunciativa da linguagem. Apesar dos autistas recusarem a alienação ao Outro, conseguem se inserir na linguagem e servirem-se das produções do Outro. Desta forma, levanta-se um questionamento sobre como os autistas entram na linguagem, uma vez que recusam o lugar de sujeito da enunciação. Outro ponto a ser destacado é a particularidade de entrada do autista no social, que se dá não através do laço, uma vez que recusam o discurso, a posição de sujeito da enunciação. Por fim, este trabalho dá pistas para futuras pesquisas sobre as estratégias utilizadas pelo autista e sua possível inserção em uma intervenção terapêutica.

**Palavras-chave:** Autismo. Linguagem. Psicanálise. Infância. Constituição psíquica.

## ABSTRACT

This work aims to discuss the particularities of autistic children's language in Kanner's studies using psychoanalysis optics. To do so, this work brought theoretical contributions about human's entrance into language and characterized autism within psychoanalytic framework. Starting with the analysis of Kanner's study, the particularities of the language presented by him was grouped into seven categories and then a discussion was anchored in authors pertinent to this subject. It concludes that the particularities of the language point to an autistic mode of operation, which seeks to make use of the language based in an inflexible repetition, in the absence of a totalizing image and in the refusal of taking a subject place of enunciation. Several strategies are used by autistic children to avoid and control the enunciative dimension of language. Although the autistic children refuse the alienation to the Other, they are able to insert in the language and to use of the productions of the Other. In this way, a question is raised about how autists come into language, since they refuse the place of subject of the enunciation. Another point that need to be exalted is the particularity of the autistic entry into social, which is not a social bond, since they refuse the discourse, the position of subject of enunciation. Lastly, this work give the direction to the future researches about the strategies used by autistics and the possibility of their incorporation into a therapeutic intervention.

**Keywords:** Autism. Language. Psychoanalysis. Infancy. Constitution of the Psychism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>ILUSTRAÇÃO 1:</b> Esquema de Boasse.....	39
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 ENTRADA NA LINGUAGEM .....</b>	<b>14</b>
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO .....</b>	<b>18</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
<b>5 AS PARTICULARIDADES DA LINGUAGEM DAS CRIANÇAS AUTISTAS NOS ESTUDOS DE KANNER .....</b>	<b>26</b>
<b>6 DISCUSSÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe um estudo sobre as particularidades da linguagem das crianças autistas apresentadas nos estudos de Leo Kanner (1943/1997), a partir da ótica psicanalítica. Kanner (1943/1997) foi o primeiro teórico a descrever o transtorno denominado atualmente como autismo. Para tanto, utilizou onze casos clínicos infantis que compõem o seu texto, *Distúrbios autísticos do contato afetivo*.

Em seu texto, Kanner descreve alguns sintomas do autismo apresentados pelas crianças estudadas, um dos sintomas observados foram as particularidades na linguagem. Desta forma, busca-se obter uma resposta a questão: Quais as particularidade da linguagem nos casos clínicos apresentados por Kanner (1943/1997) e o que a psicanálise tem a dizer sobre o tema?

Na tentativa de responder a esta pergunta, este projeto traçou o seguinte percurso teórico: primeiramente discorre sobre a entrada do bebê humano na linguagem e posteriormente apresenta a caracterização do autismo. Em um segundo momento, realiza a análise do texto de Kanner, propondo sete particularidades da linguagem evidenciadas em seu artigo. Logo após, busca analisar essas sete particularidades por meio do viés psicanalítico. Para concluir, realiza alguns apontamentos, apresentando a relação entre a linguagem e o funcionamento autístico.

Assim, os objetivos dessa pesquisa foram percorrer as particularidades da linguagem das crianças autistas nos estudos de Kanner (1943/1997). Para tanto, fez-se necessário caracterizar o autismo dentro do referencial psicanalítico, discorrer sobre a entrada na linguagem, fazer o recorte das particularidades da linguagem no texto de Kanner (1943/1997) e em seguida realizar a análise dessas particularidades a partir da ótica psicanalítica.

Inicialmente, é essencial destacar o papel da linguagem na constituição subjetiva, uma vez que só através dela o sujeito poderá constituir-se. Pensando o autismo como um quadro onde a dificuldade de contato com o outro é evidente, parte-se da perspectiva psicanalítica que toma a linguagem como o termo entre o eu e o outro (LONGO, 2006). Assim, a linguagem intermedeia as relações, é o elemento da comunicação social, condição para a existência da sociedade (SOARES, 2007).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é apresentado pelo DSM 5 (Manual dos Transtornos Mentais 5ª edição) englobando os seguintes critérios diagnósticos: prejuízo na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A), e padrões restritos e

repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B), esses sintomas devem estar presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D) (APA, 2013/2014).

Além dos padrões restritivos de comportamento, interesses e atividades, o prejuízo na comunicação e interação social é uma das características nucleares para o diagnóstico de TEA. O atraso ou dificuldades na linguagem em crianças, é um dos motivos que frequentemente levam os pais de filhos com autismo a buscarem ajuda. Desta forma, justifica-se a necessidade de pesquisas que se aprofundem a respeito dessa questão. Neste trabalho, toma-se as particularidades da linguagem no autismo não só como um sintoma, mas a partir de um viés psicanalítico que busque apreendê-las não como um fenômeno isolado, mas como manifestações pensadas dentro de uma estrutura clínica particular.

Outro critério diagnóstico importante, trazido pelo DSM 5, é a presença de sintomas desde o início da infância, como fator limitante e prejudicial ao funcionamento diário. De acordo com o manual, os sintomas podem ser identificados precocemente, durante o segundo ano de vida (12 a 24 meses), embora possam ser vistos antes dos 12 meses de idade, se os atrasos do desenvolvimento forem graves, ou percebidos após os 24 meses, se os sintomas forem mais sutis. A descrição do padrão de início pode incluir informações sobre atrasos precoces do desenvolvimento ou quaisquer perdas de habilidades sociais ou linguísticas. As características comportamentais do TEA tornam-se inicialmente evidentes na primeira infância, em alguns casos apresentam falta de interesse em interações sociais no primeiro ano de vida (APA, 2013/2014).

Por ser um transtorno que se manifesta ainda na primeira infância, existe a possibilidade de que o TEA seja tratado o mais precocemente possível. Portanto, o público, para o qual se volta o interesse deste projeto, está situado dentro do que a Lei nº 13.257/2016 determina como primeira infância no seu Art. 2º: “o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança”, para o qual os estudos e desenvolvimento de políticas públicas são prioritários.

Há ainda a ser considerada como importante justificativa para o desenvolvimento deste trabalho a alta prevalência de autismo na população brasileira. O estudo brasileiro oficial mais recente sobre autismo é a publicação Retratos do Autismo no Brasil (Mello *et al*, 2013), de acordo com o levantamento, estima-se que haja no país cerca de 1 milhão e 200 mil pessoas dentro do chamado Transtorno do Espectro Autista (TEA), lembrando que o

levantamento não considera as dificuldades de acesso a diagnóstico e tratamento, o que poderia acarretar um aumento considerável nessa estimativa.

Portanto, o presente estudo justifica sua importância pela grande prevalência do diagnóstico de autismo na população, por ser um transtorno que atinge diretamente a primeira infância e ainda pelo fato de que o atraso, dificuldades ou ausência da linguagem em crianças com TEA seja um frequente alerta para a busca por ajuda profissional, cabendo mais investigações a respeito desta questão.

## 2 ENTRADA NA LINGUAGEM

O desenvolvimento humano, ao contrário do que é aceito no senso comum, não depende exclusivamente da maturação biológica para ocorrer, ele é fruto principalmente de uma série de operações psíquicas sem as quais o homem seria um animal muito diferente do qual conhecemos.

A prematuridade que acompanha o *infans* tem como consequência que este, desde seu nascimento, dependa de um outro humano que atenda suas necessidades. A primeira experiência de satisfação é descrita por Freud (1895/1996) em “O projeto para uma psicologia científica”:

Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Q no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como ação específica, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (p. 370)

O bebê, através de uma descarga motora, a princípio, é capaz de produzir uma ação externa: uma pessoa atenta a sua necessidade executa o seu “pedido”. Como consequência dessa ação, esse grito vai adquirindo a função de comunicar. A pessoa responsável por garantir a sobrevivência do filhote humano vai ser designada por Freud como *nebensmensch*, palavra que se aproxima de algo como “próximo prestativo”. Este papel é comumente atribuído à mãe. Desde a gestação uma relação é construída e esta torna-se fundamental para a criança.

O contato do infante com a voz se dá desde o útero materno, sendo os genitores aqueles que, usualmente, terão a responsabilidade de assumir o papel de mediadores no processo de introdução do bebê humano ao mundo da linguagem. Maielo (2013) assinala que uma das características comuns a todas as vozes maternas é a descontinuidade, o que a diferencia dos ritmos corporais, quando bebê ainda está na barriga da mãe; A voz materna alterna tempos de presença e ausência que não estão sempre em sintonia com as necessidades do bebê que a escuta e é estimulado por sua presença. A falta gerada pela voz é o espaço no qual nascerá a linguagem.

Guerra (2007) descreve a construção do vínculo entre mãe e bebê como uma história de encontros e desencontros, claridades e opacidades, harmonias e desarmonias. Para o autor, o ritmo e seus “talentos” fazem parte do início da vida subjetiva do humano. A alternância entre os tempos de presença e ausência se dão nas trocas entre bebê e cuidador, através das experiências com o peito, nos momentos de fala e de silêncio da mãe, no modo como esta toca o bebê quando comparece, na apresentação e retirada de objetos, nos momentos de aparecer e se esconder que entram em sincronia e são suportados nos jogos cara a cara, etc.

Essa experiência rítmica, presente em toda a trajetória da criança, é um dos aspectos fundamentais no desenvolvimento da linguagem. Corroborando com esse pensamento, Guerra (2007) reitera:

Parece que en esto Cortázar “se acerca a las madres”, quienes ayudan a sus bebés a pasar de la angustia, de la confusión, apelando al ritmo, transformando su angustia, en camino a una terceridad: ¿ producción simbólica, lúdica, territorio del lenguaje, de la alteridad, de un espacio diferente, de un ámbito tercero?. Estos aspectos configuran una vertiente paradójica y creativa de la madre con su bebé que torna previsible su presencia y anticipable su ausencia, y es un verdadero motor de la vida psíquica junto con el trabajo psíquico en relación al deseo. (p. 5-6)

O autor evidencia a importância do ritmo no estabelecimento da relação mãe-bebê, como um fator que conduzirá a criança da angústia ao território da linguagem, destacando os tempos de presença e ausência como motores da vida psíquica do *infans*, conjuntamente com o trabalho psíquico do desejo.

Assim sendo, a entrada na linguagem pode ser pensada a partir da alternância dos tempos de presença e ausência. Tomando uma outra perspectiva, é possível pensar a entrada na linguagem através da via pulsional. Mais uma vez a voz assume papel de destaque, agora tomada como objeto da pulsão, a chamada pulsão invocante, descrita por Lacan (1964) em O Seminário 11.

Catão (*apud* Lima, 2012) divide o valor que a voz tem para o bebê em dois momentos: num primeiro momento – que corresponde à operação de alienação – a voz tem valor enquanto prosódia e musicalidade; num segundo momento, inaugurado pela operação de separação, a voz se constitui como objeto *a* da pulsão.

Os primeiros contatos da criança com a língua materna são facilitados por um modo de falar marcado pela prosódia e musicalidade, tipicamente utilizado pelos adultos ao se dirigirem aos bebês. Esse tipo de fala foi denominado de “Manhês” (LAZNIK *et al*, 2005).

J. Jerusalinsky (2004) retrata esse modo de se dirigir aos bebês como possuindo uma entonação que se caracteriza pela grande incidência de picos prosódicos, pela sintaxe simplificada, pelo uso de diminutivos, pela evitação de encontros consonantais –

frequentemente suavizados por substituição de fonemas –, pela repetição silábica e pelo uso de um registro de voz mais alto que o habitual. A autora salienta que o “manhês” evidencia a importância da musicalidade que acompanha a fala nessa tentativa de convocar, de engajar o bebê no prazer da vocalização, ao mesmo tempo, inconscientemente, aproxima a fala da possibilidade de linguística do bebê.

Lima (2012), a partir da apresentação de outros autores, considera que esta forma de comunicação mostra-se não referencial, demonstrando que a especificação de qualidades dos objetos não é seu principal objetivo e sim responder e afirmar o interesse do infante na protoconversa. Assim, a dimensão melódica da linguagem é destacada, constatando que a comunicação com os filhotes humanos não se foca no conteúdo transmitido, mas na ideia afetiva e de envolvimento transmitida pela dimensão musical da voz. J. Jerusalinsky (2004) destaca que com o passar do tempo a prosódia vai exercendo um papel cada vez mais restrito na produção de sentido.

A passagem da voz de pura musicalidade para objeto da pulsão invocante é realizada através do recalque originário. Vivès (2012) sustenta a hipótese de que o campo sonoro se organiza em torno da constituição de um ponto surdo. O autor esclarece:

O circuito da pulsão invocante implica a presença do Outro: após haver ressoado no timbre do Outro, o sujeito, ao longo do processo de recalque originário, simultaneamente assume e rejeita esse timbre. Com efeito, ele o assume em razão de um “sim” ter acolhido a voz arcaica (*Bejahung*) e também a rejeitado (*Ausstossung*), devendo o sujeito tornar-se surdo para adquirir a própria voz. Aqui, pode-se balizar como o não está a serviço do sim. A rejeição da voz do Outro permite responder ao seu chamado. Na ausência desse não, o sujeito não pode responder ao apelo, sendo tomado por essa voz da qual não pode se livrar. (p. 20)

Portanto, o sujeito deve ter a capacidade de, depois de ter aceitado a voz originária, esquecê-la, sem que por isso, o ato de esquecer seja esquecido, enodando-se aí, em sua função de subjetivação, a pulsão invocante (Vivès, 2012). De acordo com o autor, o processo de subjetivação é permitido pela leitura que o Outro fará do grito do *infans* num apelo e este é tomado como apelo pela acolhida que recebe do Outro, o aviso de recepção que o Outro lhe dá.

J. Jerusalinsky (2004) afirma que é preciso que a vocalização como puro objeto acústico caia, seja recalcada em seu estatuto puramente acústico para ganhar um sentido enigmático e ser tomada na dimensão de um chamado no laço com o outro. Segundo a autora, é justamente a partir da instauração de um enigma do desejo que a criança se tornará falante na tentativa de a ele responder.

De acordo com Vivès (2012), a partir do momento em que o cuidador dá uma significação à voz do bebê, interpretando-a como significante, essa voz é tomada como objeto primordial, como objeto perdido. Ainda segundo o autor, a voz como objeto está perdida por trás do que ela significa para o Outro, ou ainda na condição de objeto, a voz é o primeiro objeto perdido, aquilo que cai na formação do significante. Vivès (2012) descreve o circuito realizado pela pulsão invocante:

O grito do *infans* não o representa para a mãe, caso em que estaríamos no registro do signo. Em vez disso, ele representa o sujeito para o conjunto dos significantes a advir. A resposta do Outro, a recepção que reserva o puro grito, transformando-o em grito “para”, leva à significação do sujeito à luz do significante do Outro, reencontrando-se assim os três tempos do circuito da pulsão escópica descrito por Freud em “As pulsões e seus destinos”: a) ser ouvido: momento mítico que corresponderia à expressão do grito. Nesse estágio, o sujeito ainda não existe, devendo ser situado no âmbito do que Lacan destaca, em O Seminário, livro 10: a angústia, sob a fórmula paradoxal de sujeito do gozo. A posição ativa só será percebida como tal no só-depois do encontro com o Outro; b) ouvir: o segundo tempo corresponde à aparição do Outro da pulsão que responde ao grito; c) se fazer ouvir: tempo em que o sujeito em-via-de-tornar-se assume a própria voz, indo em busca do ouvido do Outro para dele obter uma resposta (Freud, 1915: 176). (p. 21 )

O autor destaca que para se fazer ouvir, é preciso não apenas que ele cesse de ouvir a voz originária – o que o psicótico não consegue-, como também invocar, ou seja, sustentar a hipótese de que há um não surdo que pode ouvi-lo, razão pela qual o “se fazer ouvir” corresponde ao apassivamento da pulsão invocante. Não se trata de “ser ouvido”, como no momento em que o Outro primordial respondeu ao grito, nem de “ouvir”, como se passa na resposta dada pelo Outro a esse grito: trata-se de “se fazer ouvir”. Veremos mais adiante como Laznik (2004), a partir da teoria lacaniana das pulsões, propõe articular o autismo a esse momento pulsional. Uma melhor descrição deste quadro será realizada a seguir.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO

A palavra autismo provém do alemão *Autismus*, do grego *auto*, de si mesmo e *ismos*, indicativo de ação ou estado. Foi usada originalmente por Bleuler para classificar um sintoma da esquizofrenia no qual o paciente parecia enclausurar-se em seu próprio mundo. Kanner foi o primeiro a descrever esse transtorno, em seu artigo denominado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, publicado em 1943. Neste trabalho, Kanner (1943/1997) apresenta onze casos infantis, onde procura caracterizar o autismo, diferenciando-o de outras síndromes:

Todas as crianças do nosso grupo mostraram, desde o começo da vida, um fechamento extremo, não reagindo a nada que proviesse do mundo de exterior. [...] Em segundo lugar, nossas crianças são capazes de estabelecer e manter uma excelente relação, adaptada e “inteligente” com objetos que não ameaçam seu fechamento; mas inicialmente ansiosas e tensas ante as pessoas revelam-se inacessíveis e sem nenhum contato afetivo direto com as pessoas durante muito tempo. Se for inevitável relacionar-se com uma pessoa, uma relação temporária é, então, estabelecida não com a própria pessoa, mas com seu pé ou mão tomados como objetos totalmente distintos. (p. 167-168)

O fechamento extremo e a dificuldade de contatos afetivos, que são feitos de forma a utilizar pessoas como objetos ou apenas para suprir suas necessidades, foram algumas das características encontradas por Kanner (1943/1997), bem como, comportamentos repetitivos, estereotípias, ecolalias, grande capacidade de memorização e uso da linguagem direcionado principalmente para a nomeação de objetos.

De acordo com Coutinho *et al* (2013), o autismo, enquanto categoria nosográfica, é trazido pela primeira vez no DSM 3 dentro dos chamados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Com a pretensão de tornar-se ateuórico, este manual abandona a questão etiológica e adota um enfoque empírico; nesta edição o diagnóstico de Esquizofrenia tipo infantil desaparece sob a alegação de ser muito raro na infância.

A Classificação Internacional de Doenças (CID-10), adotada oficialmente pela legislação brasileira, apresenta a categoria Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que acaba por incluir o Autismo atípico, o Autismo infantil e a Síndrome de Asperger. A psicose infantil é classificada na CID-10 como Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento.

A partir da publicação do DSM 5, a nomenclatura utilizada para caracterizar os vários quadros de autismo passou a ser Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com Kupfer (2015), todos esses transtornos (Transtorno do Autismo, Síndrome de Asperger,)

foram agora englobados por esta única categoria, que abrange todos esses quadros, cujas distinções serão realizadas de acordo com o nível de gravidade em relação à interação e comunicação, o que ocasionou um aumento no número de diagnósticos desse transtorno.

Dentro do referencial psicanalítico, as teorizações não tem um consenso sobre como situar o autismo em relação a psicose, se enquanto estruturas clínicas diferentes ou não. Rocha (2002) descreve esse cenário:

Sendo mais específico ainda, entre os psicanalistas lacanianos – o que implica partir da concepção estrutural da subjetividade – constatamos quanto está distante o consenso sobre o diagnóstico diferencial entre psicose infantil e autismo. Tendo como fundamento a mesma teoria, estes autores chegam a conclusões variadas que, tomando como eixo o debate sobre a estrutura, podem ser esquematizadas basicamente em três posições: os defensores da unidade estrutural; os que apontam o autismo como uma estrutura subjetiva diferente e os que o definem como uma a-estrutura. (p. 02)

Assim, entre os psicanalistas existem vertentes que situam o autismo dentro da estrutura da psicose, autores que afirmam o autismo enquanto uma quarta estrutura e ainda aqueles que o consideram como uma a-estrutura.

Entre os que situam o autismo dentro das psicoses, podemos encontrar autores como Mahler, que inicialmente estabelecia uma diferença entre as chamadas psicoses autísticas<sup>1</sup> e simbióticas<sup>2</sup> e que posteriormente, após 1951, afirma a inexistência dessa diferenciação, já que, segundo a autora, poderiam ser encontrados um largo espectro de traços autísticos e simbióticos no interior da síndrome psicótica infantil (KUPFER, 2001).

Dentre os autores que consideram o autismo como uma a-estrutura, podemos citar: Yankelevich (1995), que considera que no autismo haveria um mecanismo mais primitivo do que a forclusão psicótica, bem como inexistiria o Outro; Lopes (1995), que defende a impossibilidade de constituição de uma estrutura, embora reconheça a existência de uma relação do sujeito ao Outro; e Vinheiro (1995) que afirma que não existiria nenhum laço com o Outro, portanto o autismo seria uma a-estrutura (ROCHA, 2002).

---

<sup>1</sup> Na psicose autística, a mãe é percebida como elemento externo e não é investida libidinalmente, o que aproxima essa categoria com a clássica do autismo (KUPFER, 2001).

<sup>2</sup> Na psicose simbiótica, a representação psíquica da mãe existe, mas fusionada ao *self*; essa segunda categoria aproxima-a da psicose infantil clássica (KUPFER, 2001).

Alfredo Jerusalinsk (1993) é um dos propositores do autismo enquanto uma quarta estrutura clínica, ao lado da neurose, perversão e psicose, entendimento aceito neste projeto, pois considera que não há identificação entre psicose e autismo no que se refere à lógica que articula a posição do sujeito a respeito do significante. Assim, no que diz respeito à estrutura clínica, ou seja, ao modo como o sujeito se relaciona com o campo simbólico e com a castração, o autor sustenta que autismo e psicose não coincidem, pois as leis do inconsciente as quais os sujeitos estão submetidos são diferentes. No primeiro caso, que se refere à psicose, trata-se da foraclusão, enquanto que no segundo, que se refere ao autismo, trata-se da exclusão. A. Jerusalinsk (1993) entende que na foraclusão se produziria uma inscrição do sujeito numa posição tal que esta não pode ter consequências na função significante, enquanto que na exclusão não há inscrição do sujeito, em seu lugar se encontra o Real, ou seja a ausência de inscrição. Esta diferença radical de estrutura conduz a efeitos clínicos observáveis e implica em intervenções clínicas diferenciadas.

Para Bernardino (2002), a perspectiva estrutural nos coloca frente à Linguagem, elemento determinante para o surgimento do homem enquanto ser falante. De acordo com a autora:

A perspectiva estrutural situa-nos perante um elemento - exterior e preexistente - que é entendido como determinante para o surgimento de um humano enquanto ser falante, qual seja: a Linguagem. Este elemento é representado pelo desejo do Outro, a mãe ou outra pessoa que cumpre a função materna sendo encarregada de sustentá-lo, por meio do que chamaremos de “possibilidade de antecipação subjetiva”, para marcar o lugar que o filhote humano recebe e que o situa simbolicamente. É deste lugar que recebe que advém sua chance de estruturação. (p. 61)

A linguagem, representada pelo desejo do Outro, daquele que desempenhará a função materna, sustentando-o através da possibilidade de antecipar um sujeito, um ser falante, situa simbolicamente o bebê, designa um primeiro lugar a partir do qual advém sua chance de estruturação. Porém, é importante destacar que a utilização de uma perspectiva estrutural não tem por objetivo funcionar como um veredito que definirá a constituição do sujeito a partir de então, a partir de um único momento. O processo de constituição subjetiva é resultado de uma série de operações psíquicas.

Laznik (2004) parte da diferenciação entre as duas operações de causação do sujeito, a alienação e a separação, feita por Lacan no Seminário 11, para separar certas psicoses, como a paranoia, do autismo. A autora tenta demonstrar que o que fracassa na constituição do sujeito no autista é o tempo da alienação, enquanto no paranoico seria o da separação.

De acordo com Laznik (2004), os problemas relacionados à alienação podem ser examinados em sua consistência real, que corresponde ao fracasso no circuito pulsional e em sua consistência imaginária, que se associa à questão do olhar do Outro na constituição do eu.

Dessa forma, a autora relaciona o sujeito do inconsciente com o sujeito proveniente do remate pulsional. Um novo sujeito só poderá surgir quando a criança se faz de objeto, se assujeita, neste momento ela pode ascender ao campo do Outro, onde então poderá advir, estando assujeitada aos seus significantes (LAZNIK, 2004). A autora conclui:

Creio poder afirmar que a instauração do terceiro tempo do remate pulsional instaura a alienação na sua dimensão real. É nesse terceiro tempo que o *Ich* se faz objeto para um novo sujeito, e é nesse assujeitamento do *Ich* que se vê surgir o sujeito, que não é *Ich* mas outro. Alienação real, já que, eis que o sujeito do meu circuito pulsional não é Eu [Je] mas outro. Esta alienação real vem se enodar à alienação simbólica, que sustenta o fato de que, quando Eu falo, é pelos significantes do Outro e portanto numa alienação inevitável. (p. 64)

Para Laznik (2004), esse outro, sujeito do circuito pulsional, corresponde a necessidade de que haja a intervenção de um outro em carne e osso, o que tem como consequência suscitar a questão da real alienação e da relação entre o pequeno outro e o sujeito do inconsciente, o qual se situa no campo dos significantes do grande Outro.

Por outro lado, também fica claro que *Ich* não é o sujeito que surge no remate pulsional: “Lacan não traduz o termo *Ich* e contenta-se em explicar que trata-se aqui de uma rede cujo circuito fechado marca o que se deve conservar da homeostase tensional.” (LAZNIK, 2004). Logo, a diferenciação entre o sujeito da pulsão e o *Ich*, o *Real Ich*, esse sistema “concebido como suportado não pelo organismo inteiro, mas pelo sistema nervoso” (LACAN, 1964/1979, p. 156), permite utilizar a noção de fracasso na instalação do circuito pulsional em certos casos limite como o autismo, sem que se possa argumentar que já que existe manutenção da vida, existe pulsão em funcionamento (LAZNIK, 2004).

Segundo Laznik (2004), após conceber o *Real Ich*, Lacan descreve um segundo momento do *Ich*, correspondente ao tempo econômico: o *Lust Ich*, chamado de *purifiziert* [purificado]. Este tempo supõe que não haveria o surgimento dos objetos se não houvesse objetos bons para o bebê. Porém os bons objetos são absorvidos pelo eu através do mecanismo de incorporação e desaparecem enquanto objetos, de maneira que restam apenas objetos maus, aqueles rejeitados pelo eu, os estrangeiros, que podem ser objetos do conhecimento. Aí está a articulação entre o remate pulsional e a questão do surgimento do sujeito, o sistema do *Real Ich - Lust Ich*, isto é, o campo narcísico do amor, pode funcionar perfeitamente sem esse sujeito. Este é o ponto onde autora situa a possibilidade do autismo.

Examinemos agora a questão da alienação em sua consistência imaginária. Lacan (1953-54/1979), no texto Sobre o Narcisismo, destaca que o eu não está presente desde o início no indivíduo, assinalando que a *Urbild*, uma unidade comparável ao eu, irá constituir-se em determinado momento da sua história, a partir do qual o eu começará a assumir suas funções. O autor explicita:

[...] Por isso, Freud é levado a conceber o narcisismo como um processo secundário. Uma unidade comparável ao eu não existe na origem, *nicht von Anfang*, não está presente desde o início no indivíduo, e o *ich* tem de se desenvolver, *enirvickeln werden*. As pulsões auto-eróticas, ao contrário, estão lá desde o início. Os que estão um pouco habituados ao que eu trouxe verão que essa ideia confirma a utilidade da minha concepção sobre o estágio do espelho. A *Urbild*, que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária. (p.136-137)

O momento de constituição dessa imagem do eu é denominado por Lacan (1949/1998) como o estágio do espelho, momento da assunção jubilatória da imagem especular pelo *infans*, ainda mergulhado na impotência motora e na dependência, identificação essa que é confirmada por sua matriz simbólica, representada na figura do Outro, encarnada pelo outro que se ocupa da criança, a identifica e caracteriza.

É através da alienação em sua consistência imaginária que o *Ich* adquire um corpo. Diferente do organismo, o corpo é a construção que implica uma imagem totalizante, cuja composição o olhar do Outro desempenha um importante papel (LAZNIK, 2004). De acordo com Laznik (2004):

Enfim o assujeitamento a este outro da pulsão visa dar ao *Ich* um corpo, através da enodação possível com a dimensão, imaginária desta vez, da alienação da qual falamos na primeira parte desse texto: aquela que se efetua no reconhecimento de seu eu através da imagem especular de seu semelhante. (p. 64-65)

De acordo com a autora, o autismo ocorreria por uma não instauração da relação simbólica fundamental - a presença/ausência materna -, por uma falha, sobretudo, na própria inscrição da presença original do Outro, tendo como consequência a impossibilidade da instauração do tempo constitutivo do imaginário, e então do eu, através da relação especular com o Outro (LAZNIK, 2004).

J. Jerusalinsky (2004) destaca que a idade em que se produz o balbúcio de valor linguístico é a mesma em que ocorre o início do estágio do espelho. Fica evidente como nesse momento o bebê para constituir-se, para constituir seu Eu, refere-se ao Outro, aliena-se a

imagem que o outro lhe oferece. J. Jerusalinsky (2004) afirma que o infante aliena-se também às articulações sonoras que fazem parte da língua em que é tomado pelo outro, tendo que trilhar um longo caminho para vir a apropriar-se dela.

Logo, não é por acaso que em crianças que apresentam graves patologias de constituição psíquica, que implicam um fracasso no estabelecimento do estágio do espelho, ou seja, nesse processo de alienação ao Outro, frequentemente se encontra a produção de vocalizações que estão tão fora da legalidade da língua que se tenha dificuldade de diferenciá-las auditivamente e até de inscrevê-las nos registros clínicos (J. JERUSALINSKY, 2004).

O texto de Kanner (1943/1997), através da descrição dos onze casos clínicos infantis, possibilita um caminho em direção às manifestações da linguagem características do autismo, mas até então, tomadas como puro sintoma que acabavam por constituir o chamado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Este estudo abre espaço para que essas manifestações possam ser lidas de maneira mais aprofundada e integrada através da ótica da psicanálise. Assim, aqui cabe o questionamento: Quais as particularidades da linguagem das crianças autistas e o que a psicanálise tem a dizer sobre isso?

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho teve por objetivo identificar as particularidades da linguagem das crianças autistas nos estudos de Kanner (1943/1997), analisando-as a partir de um viés psicanalítico.

Para a execução deste propósito, o primeiro passo foi a análise do texto Distúrbios autísticos do contato afetivo, texto onde Kanner (1943/1997) isola pela primeira vez o quadro que é denominado atualmente como autismo. Para tanto, ele utiliza onze casos clínicos infantis, onde procura descrever o conjunto de sintomas que integrariam a síndrome por ele descoberta.

O propósito da análise desse texto foi descrever, identificar e categorizar as manifestações da linguagem atribuídas a criança autista. Freud (1915/2004), no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, descreve o início da atividade científica:

O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas ideias abstratas obtidas não só a partir das novas experiências, mas também de outras fontes. (p. 145)

Logo, após esse momento inicial, de descrição e categorização, o trabalho foi tentar interpretar cada uma dessas particularidades à luz da psicanálise, através de um estudo bibliográfico ancorado em autores pertinentes à essa temática. Lameira (*et al*, 2017) comenta sobre o trabalho na pesquisa teórica em psicanálise, através da distinção entre repetição e reprodução:

Se podemos dizer que a repetição nos encaminha ao encontro com a falta, temos já assinalada em nosso trabalho uma importante distinção entre repetir e meramente reproduzir. Repetir não é apenas reproduzir algo de modo igual. A repetição coloca em cena a possibilidade de uma retomada, de uma reconstrução. Esse pequeno recorte de um conceito teórico já nos mostra como em psicanálise a repetição está colocada como uma estrutura, o que quer dizer uma combinação de letras que são inscritas de maneira singular, a cada vez, por cada um. Uma reescrita aparece como possibilidade própria da repetição. (p.70)

Portanto, o trabalho teórico em psicanálise possibilita uma reconstrução, uma reescrita feita de maneira singular, a cada vez, por cada um. Este projeto consistirá, assim, numa combinação, em que as falas de diferentes autores são ouvidas e transformadas em uma nova produção.

Porém, é importante estar atento a utilização de ideias iniciais aplicadas ao material empírico estudado, Freud (1915/2004), alerta sobre os perigos de estabelecer relações prévias entre fenômenos e ideias que acabem por direcionar o estudo, explicitando:

Em rigor, essas ideias iniciais possuem o caráter de convenções. Entretanto, é preciso que não tenham sido escolhidas arbitrariamente, e sim determinadas pelas relações significativas que mantêm com o material empírico. É comum que imaginemos poder intuir tais relações antes mesmo de podermos caracterizá-las e demonstrá-las, mas só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos e modificá-los progressivamente, até que se tornem amplamente utilizáveis e, portanto, livres de contradição. (p. 145)

O autor, ressalta, portanto, a importância de investigar a fundo o material empírico, para só então formular conceitos básicos que serão precisos e livres de contradição. Este projeto, por tratar-se de uma estudo bibliográfico, fica limitado às observações feitas por Kanner (1943/1997) a respeito dos casos clínicos observados. Contudo, tem seu desenvolvimento alicerçado nos pressupostos teóricos trazidos por Freud.

Isto posto, é importante destacar que o presente trabalho se debruça sobre as particularidades da linguagem das crianças autistas com o intuito não de categorizar uma série de sintomas, mas sim de possibilitar a leitura destes a partir do olhar da psicanálise, abrindo o espaço para as possíveis questões que surjam durante o percurso a ser realizado.

## 5 AS PARTICULARIDADES DA LINGUAGEM NOS ESTUDOS DE KANNER

O texto “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, escrito por Leo Kanner em 1943, apresenta onze casos clínicos infantis onde o autor descreve a história de vida e as características das crianças por ele estudadas. O conjunto dessas características acabariam por constituir o chamado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Kanner (1943/1997) foi o primeiro teórico a descrever o transtorno denominado atualmente como autismo.

Através da análise do texto citado, foi possível agrupar em sete categorias as particularidades da linguagem das crianças por ele descritas. As categorias encontradas foram: Ecolalia Tardia, Inversão Pronominal, Nomeação, Inflexibilidade, Repetição de Sentenças e Sequências, Fala Monótona e Fraseado Musical.

### 1) Ecolalia Tardia

Kanner (1943/1997) observou que, após um longo período dedicado quase que exclusivamente à nomeação, as crianças enfim começavam a formar sentenças, porém estas consistiam principalmente na repetição de frases ouvidas, que geralmente eram proferidas posteriormente. O autor explicita:

Quando as frases são, finalmente, formadas, permanecem por um longo tempo combinações de palavras ouvidas e repetidas como um papagaio. Às vezes são reditas imediatamente em eco, mas são também, com frequência, "armazenadas" pela criança e ditas posteriormente. Pode-se, caso se queira, falar em *ecolalia diferida*. (p. 159)

Portanto, é perceptível uma ausência ou uma significativa diminuição da fala espontânea, podendo ser observado, através dos estudos de Kanner (1943/1997), uma linguagem marcada por esta característica peculiar que é uma ecolalia que se manifesta em um momento subsequente ou em situações específicas, ancorada mais uma vez na repetição.

### 2) Inversão Pronominal

A Inversão Pronominal é uma das particularidades da linguagem das crianças estudadas que se relaciona com a ecolalia tardia e com a ausência de espontaneidade para a formação de sentenças. O uso das frases repetidas da mesma forma como são ouvidas, faz com que a criança fale de si própria como “você” e do outro como “eu”, como é constatado por Kanner (1943/1997):

Não há dificuldade com os plurais e as conjugações, mas a ausência de frases espontâneas e a repetição ecológica acarretam um fenômeno gramatical particular em cada uma das crianças "falantes": *os pronomes pessoais são repetidos exatamente como são ouvidos*, sem alteração para adaptar-se à nova situação. A criança, a quem a mãe disse uma vez: "Agora, vou dar para você o leite", expressa seu desejo de beber leite exatamente com as mesmas palavras. Consequentemente, ela sempre fala de si mesma dizendo "Você" e da pessoa a quem se dirige como "Eu". Não apenas as palavras são retidas, mas também a entonação. Se, inicialmente, a observação da mãe foi formulada interrogativamente, ela é reproduzida sob a forma e com a entonação de uma pergunta. Repetir a frase: "Você está pronto para a sobremesa?" significa que a criança está pronta para a sobremesa. Existe uma combinação, uma expressão que não deve absolutamente mudar para cada situação particular. O erro específico dos pronomes persiste até aproximadamente seis anos, quando, gradualmente, a criança aprende a falar de si mesma na primeira pessoa, e a dirigir-se aos outros na segunda. Durante o período transitório, aparece, às vezes, a forma anterior ou, vez por outra, fala de si mesmo na terceira pessoa. (p. 159-160)

Apesar desta particularidade da linguagem tender a desaparecer no sexto ano de vida, salta aos olhos que ela se manifeste até tal idade, uma vez que a adaptação das conjugações e plurais é bem-sucedida. Outro ponto que pode ser destacado nesta particularidade da linguagem é a conservação da entonação original dada a frase e a rigidez com que estas frases são utilizadas em situações específicas.

### 3) Nomeação

Uma das primeiras características a aparecer na linguagem dessas crianças foi o uso da linguagem voltado majoritariamente para a nomeação. Como consequência dessa particularidade na linguagem, as crianças decoravam listas de curiosidades, poemas, músicas, etc. Kanner (1943) descreve:

Fora a recitação de frases provenientes de poemas prontos ou outros pedaços aprendidos de cor, foi lhes necessário muito tempo para começar a reunir as palavras. Tirando isso, a "linguagem" deles consistia principalmente em "dizer nomes", nomes que designam objetos, adjetivos indicando cores, vários sem nenhum significado específico. (p.158)

Kanner (1943) presume que, neste primeiro momento, a linguagem das crianças não é utilizada para comunicação e que esta vai sendo desviada para um exercício de memória independente, sem valor semântico ou conversacional ou comportando graves distorções.

Deste modo, é possível depreender que a linguagem dessas crianças não era utilizada para se relacionar com as pessoas ao seu redor, mas num exercício de memorização que convidava a um monólogo ao invés de uma conversa. A dificuldade de se relacionar com o outro sempre foi um fator relevante apontado por Kanner (1943), a linguagem dificilmente era utilizada com este propósito:

Se um adulto se introduzia à força, retirando um cubo, ou colocando o pé sobre o objeto de que a criança tinha necessidade, esta lutava e ficava com raiva da mão ou do pé tratados como objetos em si e não como os membros de uma pessoa. (p. 164)

Assim sendo, é notável a forma como essas crianças procuravam expressar suas vontades e desacordos. Isso se dava a partir de atos, atos estes que objetificavam o corpo do outro, reduzindo-o a partes: mão, pé, braço, perna. Uma vez que a linguagem serve ao objetivo de mediar relações, questiona-se em que medida tais atos podem ter o valor de comunicação, ainda que gestual, visto que as relações não eram mediadas, mas se davam de forma imediata através dos atos.

De qualquer forma, o que fica patente no texto de Kanner (1943) é que não há um laço com o outro mediado pela palavra, que diga respeito a um compartilhamento de prazer.

#### 4) Inflexibilidade

O uso da linguagem direcionado para a nomeação parece se relacionar com outra faceta da linguagem dessas crianças, a saber, a Inflexibilidade. As crianças observadas apresentavam uma grande dificuldade de, depois de aprender o significado de uma palavra, dar a este vocábulo outros sentidos. Uma palavra como “sim”, que indica assentimento em geral, é um conceito árduo de ser apreendido. Kanner (1943) relata:

"Sim" é um conceito que estas crianças levam muitos anos para adquirir. Elas são incapazes de utilizá-lo como um conceito geral de aquiescência. Donald aprendeu a dizer "Sim" quando o pai lhe disse que o colocaria sobre os ombros se ele dissesse “sim”; esta palavra, em seguida, veio a "significar" apenas o desejo de ir para os ombros do pai. Foram necessários meses antes de ele conseguir destacar a palavra "Sim" dessa situação específica e, mais ainda, antes de conseguir utilizá-la como termo geral de afirmação. (p.159)

Por conta dessa dificuldade de flexionar o sentido/significado das palavras, criava-se um desencontro ao se estabelecer diálogos com seus familiares. Outro uso particular da linguagem era a utilização de palavras em seu sentido estritamente literal, principalmente no que diz respeito a proposições, como Kanner (1943) observou:

O mesmo tipo de *sentido literal* também é encontrado ao nível das proposições. Quando foi perguntado a Alfred (ao lhe mostrar uma imagem) "Sobre o que é essa imagem fala?", ele respondeu: "Pessoas se deslocam sobre" (cf. nota 11). John F. corrigiu o que o pai dissera sobre as gravuras na parede: as gravuras estavam "perto da parede". Donald T., a quem era pedido algo, colocou imediatamente o objeto no chão (cf. nota 4). Aparentemente, o significado de uma palavra se torna inflexível e não pode ser utilizado senão com a conotação primeira. (p. 159)

Assim, além do significado inflexível atribuído às palavras, a literalidade do discurso era um fator marcante, principalmente no que se refere ao uso de preposições. A fala parece não dar conta do jogo simbólico presente na linguagem. É possível sublinhar esta ausência do simbólico no falar, que apresenta concomitantemente um discurso ancorado no concreto/no real e de significação rígida. Um exemplo, que demonstra bem essa característica da linguagem, é a expressão *put down*, utilizada para solicitar que uma das crianças largasse determinado objeto, mas que só consegue ser entendida pela mesma no sentido de “pôr o objeto no chão”, seguindo de maneira concreta o enunciado que lhe foi dado.

Outra mostra dessa inflexibilidade na linguagem, diz respeito a dificuldade na leitura, por conta da concentração em apenas uma sílaba da palavra:

A incapacidade de apreensão da globalidade, sem prestar atenção aos elementos constitutivos, evoca um pouco a situação dessas crianças que, tendo dificuldades específicas de leitura, não se adaptam aos métodos modernos globais e devem aprender a construir as palavras a partir de elementos alfabéticos. Esta talvez seja uma das razões pelas quais as crianças do nosso grupo, que tinha idade o suficiente para aprender a ler, tornaram-se imediata e excessivamente preocupadas com a ortografia das palavras ou porque Donald, por exemplo, ficava tão perturbado pelo fato de que "*light*" e "*bite*", tendo a mesma qualidade fonética, deveriam ser soletradas, ser escritos diferentemente. (p. 163)

Portanto, a preocupação com determinadas “sílabas” dificultava o aprendizado de palavras. Além disso, apresentavam uma preocupação excessiva com as regras de ortografia e ficavam incomodados por não compreender o funcionamento da formação de palavras. As diferentes maneiras de grafar o mesmo som em diferentes vocábulos se mostrava como um obstáculo à aprendizagem. Palavras como *light* e *bite*, causavam bastante inquietação, pois as crianças esperavam que as regras de ortografia não se modificassem. Essa rigidez com relação às regras ortográficas parece apontar para o mesmo mecanismo em jogo na Repetição de Sentenças e Sequências, apresentada a seguir.

##### 5) Repetição de Sentenças e Sequências

A rigidez, apresentada na linguagem das crianças, recai sobre outra particularidade da linguagem: a repetição de sentenças e sequências. A criança autista possui uma forma particular de lidar com o ambiente ao seu redor, uma forma de organização que deve obedecer a uma ordem previamente estabelecida. Esta característica se reflete nesta particularidade da linguagem. De acordo com Kanner (1943/1997):

Seu mundo deve lhes parecer constituídos de elementos, que, uma vez conhecidos em uma certa combinação ou sequência, não podem ser tolerados em outro lugar ou sequência, não podem ser tolerados em qualquer outra combinação ou sequência; Assim como a combinação e a sequência não podem ser toleradas sem todos os elementos que originalmente a constituíam, dispostos na mesma ordem cronológica ou espacial. Daí provém o hábito obsessivo de repetir tudo. Daí provém a reprodução de frases sem transformação dos pronomes para se adaptar à situação. Daí talvez provenha o desenvolvimento de capacidades mnésicas realmente fenomenais que permitem à criança memorizar e reproduzir modelos complexos “desprovidos de significação” – por mais desorganizados que sejam – exatamente da mesma maneira que foram originalmente. (p. 168)

O autor demonstra que a repetição é a base de muitos comportamentos observados nos autistas. As sentenças e sequências são repetidas da mesma forma que são ouvidas, sem alteração de pronomes e muitas vezes usadas em contextos específicos. A dificuldade em lidar com a mudança e com o elemento surpresa está sempre presente nos relatos de Kanner (1943/1997). A repetição funciona como uma barreira à novidade e à surpresa tão presente na linguagem, que apesar de apresentar uma estrutura, uma ordenação, que permite a comunicação, um certo entendimento entre as partes, também abre espaço para o erro, o ato falho, o chiste, a poesia, o desencontro.

#### 6) Fala Monótona

As últimas particularidades da linguagem destacadas são relacionadas à voz. Kanner (1943/1997) salienta que as crianças, por vezes, empregavam um tipo de fala sem entonações e que não traduzia a dimensão da emoção e do afeto na voz, o autor assinala:

A leitura é rapidamente adquirida, mas as crianças leem monotonamente, e uma história ou um desenho animado são percebidos como fragmentos sem relação em vez de conjuntos coerentes. Tudo isto conduz a família a pensar que apesar de uma "diferença" reconhecida em relação as outras crianças, há progresso e melhora. (p.169)

É curioso notar que estas crianças, que eram capazes de produzir a entonação visto que repetiam frases na Ecolalia Tardia copiando a inflexão ouvida, entretanto, “optavam” por utilizar uma voz monótona em suas leituras.

#### 7) Fraseado Musical

Por fim, uma última característica a ser destacada é o fraseado musical, que funciona como uma espécie de oposição a Fala Monótona. Grande parte das crianças observadas apresentavam uma relação bastante próxima com a música, como Kanner (1943/1997) notou:

Deixados a sós com seus objetos, ostentam, frequentemente, um sorriso tranquilo e um ar de beatitude; às vezes, cantam ou cantarolam alegremente apesar da monotonia. (p. 165)

Algumas dessas crianças utilizavam o fraseado musical como um auxiliar na comunicação, cantarolando ações executadas, pedidos, etc. De acordo com Kanner (1943/1997):

Apanhou uma tesoura e paciente e habilidosamente cortou uma folha de papel em pedacinhos, cantando a frase: "cortando papel", muitas vezes. Foi buscar uma pequena locomotiva e correu em volta da sala, sacudindo com força sem parar de cantar: "a locomotiva voa". Enquanto tais expressões vocais, entoadas sempre com a mesma inflexão, eram claramente ligadas às suas ações, ele emitia outras que podiam não estar conectadas com situações imediatas. Há alguns exemplos: "as pessoas no hotel"; "você machucou sua perna?"; "acabaram-se os bombons"; "o bombom está vazio"; "você cairá da bicicleta e baterá a cabeça". Todavia algumas dessas exclamações poderiam ter sido originadas em experiências prévias. (p. 130)

Quando há espontaneidade na linguagem dessas crianças, ela está ligada a uma fala ancorada na musicalidade que, apesar de ser feita através do uso das ecolalias, produz algo que se relaciona com o contexto no qual a criança está inserido.

## 6 DISCUSSÃO

A partir da apresentação das particularidades da linguagem encontradas no texto de Kanner, pretende-se agora desenvolver algumas análises acerca das categorias identificadas. As sete categorias destacadas foram: Ecolalia Tardia, Inversão Pronominal, Nomeação, Inflexibilidade, Repetição de Sentenças e Sequências, Fala Monótona e Fraseado Musical.

### 1) Ecolalia Tardia

A Ecolalia Tardia é a particularidade da linguagem que se refere a repetição de frases ouvidas, porém em um momento posterior, podendo ou não estarem relacionadas a um contexto. Um dado importante, trazido por Kanner, é que esta particularidade surge após um longo período de nomeação, quando as sentenças finalmente eram formadas, geralmente, tratavam-se de ecolalias.

Nota-se que estas sentenças, repetidas em bloco, não abrem espaço para que um sujeito apareça na frase, o que parece afigurar o mecanismo da holófrase, tal qual apontado por Lacan (1964/1979).

Vorcaro (1999) retoma as proposições de Lacan sobre a holófrase, que afirma que quando S1 e S2 se solidificam, ou seja, se holofraseiam, pode-se depreender uma série de casos, ainda que em cada caso o sujeito não ocupe o mesmo lugar. De acordo com a autora, a série de casos depreendida por Lacan são: psicose, debilidade e fenômenos psicossomáticos. A esta série de casos, Vorcaro (1999) acrescenta o autismo, visto que haveria a entrada do sujeito na linguagem, o que é atestado por suas produções holofráscas.

A criança autista entraria na alienação, conforme Vorcaro (1999), sem realizar uma interpenetração entre o campo do ser e do outro, ficando entre o puro ser vivo, organismo ou pura máquina significante, como a autora indica a seguir:

Podemos supor que criança entra na alienação significante para, a seguir, destacar-se, sem entretanto efetuar uma interpenetração entre os campos do ser e do Outro. Ela é, sem interpolação, ou puro ser vivo, organismo, ou pura máquina significante. Suas aquisições são reflexas, na medida em que, na maquinação significante em que se faz ventríloqua, nada diz respeito ao funcionamento do corpo tomado pelo significante e, em suas funções orgânicas, nada diz respeito ao funcionamento significante. Há um funcionamento paralelo e exclusivo do ser e do significante, demonstrado por uma exclusão ativa. (p. 29)

Uma exclusão ativa, um funcionamento paralelo e exclusivo do ser e do significante é indicado pela autora. Vorcaro (1999) assegura que o que falta nas emissões vocais, gestuais e

escritas do autista é o tempo, o tempo realiza a função de deslocamento, de recalçamento, é o significante da assunção subjetiva, como adita a autora:

Sem tempo, tudo é contínuo: repetição que não produz diferença, que o vocábulo estereotípicamente nomeia, designando falta de diferença. A associação de fonemas forma uma unidade banalizada, em que a palavra perde todo seu valor de troca. (p. 29)

A ausência do tempo produz uma fala onde tudo é contínuo, onde não há diferenciação entre as palavras, o que faz com que os vocábulos percam seu valor de troca, uma vez que falta a diferença. Esse tipo de funcionamento corrompe a função da fala, pois não toma como parâmetro o outro. Barroso (2012) disserta acerca da noção de holófrase no autismo:

Com a noção de “congelamento”, isto é, uma relação com o significante própria da holófrase, Lacan formaliza a exclusão do discurso para o autista e o esquizofrênico, a saber, o congelamento do primeiro par de significantes, que inscreveriam o sujeito no discurso do mestre. Trata-se de um aporte importante à inclusão do autismo no campo das psicoses, pois o mecanismo da holófrase os aproxima clinicamente. A holófrase empurra o sujeito para fora do discurso, pois impede a constituição do campo do Outro esvaziado do gozo, impede a extração do gozo. (p. 140)

Destarte, a holófrase não permite a inserção do sujeito no discurso, uma vez que congela o primeiro par de significantes, não abrindo espaço entre eles, como consequência impede a constituição do campo do Outro esvaziado do gozo, impedindo assim a extração do gozo. Maleval (*apud* Barroso, 2012) desenvolve a questão da holófrase acrescentando o seu efeito ao nível do objeto voz, objeto que adquire, para esse autor, estatuto de objeto privilegiado no autismo:

Sem o intervalo entre os significantes, o objeto não cai entre eles. Trata-se da não incorporação da voz que determina uma desconexão entre significante e gozo, entre S1 e *a*. A alienação do ser na linguagem, o acesso a primeira identificação, supõe a cessão de gozo vocal e a incorporação da voz do Outro. Por recusar ceder o objeto de seu gozo vocal ao Outro e localizá-lo fora do corpo, o autista resiste à alienação de seu ser na linguagem. É o que lhe acarreta sua maior e mais constante restrição, isto é, a dificuldade de ser um sujeito enunciador, tese que sustenta, para Maleval, a especificidade do autismo enquanto tipo clínico no campo das psicoses. (p. 141)

De acordo com Maleval (*apud* Barroso, 2012), a recusa em ceder o gozo vocal ao Outro e localizá-lo fora do corpo, faz com que o autista resista à alienação de seu ser na linguagem, o que ocasiona sua maior e mais constante restrição: ser um sujeito enunciador.

Maleval (2015) afirma que a retenção dos objetos pulsionais é uma forma do autista manter seu domínio sobre eles, esse domínio também pode ser feito através da construção de uma borda:

É certo que a retenção do objeto *a* é comum ao autista e ao psicótico: ambos o levam em seu bolso. No entanto, o autista não deixa de manter um domínio sobre o objeto, seja por sua retenção, seja pela construção de uma borda, enquanto o psicótico se esforça para compor com um objeto não dominado que se impõe do exterior. No que concerne ao autista, o objeto pulsional não lhe é inquietante, desde que o conserve sob seu domínio. Em contrapartida, para o psicótico esse objeto tende a se presentificar sob uma forma angustiante: alucinações verbais injuriosas, olho malvado que vigia, alimento envenenado, etc. Para o psicótico, o objeto pulsional é significantizado, mas sua falicização fracassa. Quando o autista produz um descolamento do objeto pulsional, ele o capta numa imagem, num objeto autístico ou numa rede de signos. Seu domínio sobre ele, o protege da angústia. (p.18)

Desse modo, o autista busca manter um domínio sobre os objetos pulsionais, o que o protege da angústia. A ecolalia tardia pode ser mais um modo de dominação do gozo, através de um descolamento controlado do objeto voz. Outra forma de retenção da voz enunciativa será abordada a seguir.

## 2) Inversão Pronominal

A Inversão pronominal, uma das características da linguagem verificada nos casos clínicos apresentados por Kanner (1943/1997), consiste na utilização de pronomes pessoais da mesma forma como são ouvidos. Portanto, significa um emprego desacertado de noções como eu e você. Maleval (2012) sustenta que a inversão pronominal é uma manifestação da retenção da voz enunciativa, que não se situa no campo do Outro.

A retenção da voz enunciativa, não situada no campo do Outro, já sublinhada anteriormente, manifesta-se em um dos distúrbios da linguagem mais marcantes nas crianças autistas, a ausência da inversão pronominal. Sua repetição do discurso do Outro, de modo imitativo, revela que o sujeito não se apropriou dele: quando diz “tu” no lugar do “eu”, utiliza os pronomes pessoais como se fosse o Outro que falasse, e não ele mesmo. Por falta de ter um pé no Outro, ele pode apenas fazer-se de seu eco. A frequência e a insistência dessas inversões pronominais demonstram a posição de um sujeito que não se inscreveu no discurso do Outro, embora seja capaz de utilizá-lo mecanicamente. (p. 48)

O autor demonstra que a utilização dos pronomes pessoais de forma imitativa, revela que o sujeito não se apropriou do discurso do Outro e, assim, só consegue fazer um uso deste mecanicamente. A não apropriação do discurso Outro indicaria, no autismo, uma falha no processo de alienação, ainda que haja questionamentos sobre a plausibilidade de situar o autista aquém da alienação, uma vez que ele é afetado pela negatividade da linguagem (MALEVAL, 2012).

Laznik (2004), retomando as proposições de Lacan, elabora a hipótese de um fracasso no tempo de alienação nos autistas e propõe o exame da questão da alienação em sua consistência real e imaginária. Utilizando a metapsicologia lacaniana, a autora busca elucidar questões de uma clínica da não instauração da relação especular.

Lacan (1953/1979), em seu texto Sobre o Narcisismo, assevera que o eu deverá ser constituído num determinado momento da história do sujeito, não existindo desde o início, de acordo com ele, o que é equivalente a dizer que o eu humano é constituído sobre o fundamento da relação imaginária. De acordo com o autor:

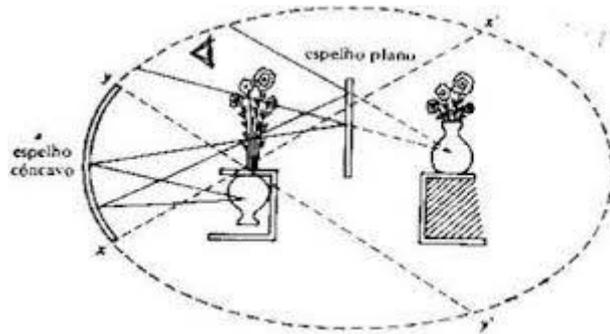
“Uma unidade comparável ao eu não existe na origem, *nicht von Anfang* [não desde o começo], não está presente desde o início no indivíduo, e o *ich* tem de se desenvolver, *enwickeln werden*. As pulsões autoeróticas, ao contrário, estão lá desde o início. (p. 136)

Assim, Laznik (2004) propõe um desdobramento de alguns pressupostos implícitos nos avanços de Lacan sobre o estágio do espelho. Segundo a autora, haveria a necessidade de um primeiro reconhecimento, correspondente a instauração do Narcisismo primário e que fundaria a imagem do corpo.

Minha hipótese consiste na necessidade de um primeiro reconhecimento, este não demandado, mas que fundaria a própria possibilidade de imagem do corpo, ou seja, o *Ur-Bild* da imagem especular, e que poderia se formar somente no olhar do Outro. Isso me parece corresponder a uma incorporação, quer dizer, uma tomada dos pequenos *a* na borda do *corpo real*. Esta *Ur-Bild* da imagem assim constituída abriria a possibilidade da instauração da imagem especular propriamente dita. (p. 53)

Portanto, a imagem do corpo, constituída por uma espécie de incorporação, por uma tomada dos pequenos *a* na borda do corpo real, é o que abriria a possibilidade de instauração da imagem especular. A imagem do corpo, seria, então, constituída pelo objeto real fazendo UM com a imagem real, o que corresponde ao lado esquerdo do esquema de Bouasse apresentado por Lacan no Seminário 10.

Ilustração 1 – Esquema de Bouasse



Fonte: Laznik (2004)

A imagem real é definida por Laznik (2004) como efeito de uma falta, operação realizada pelo Outro primordial, marcado pela barra da falta, que doa o que não tem e que permite ver surgir a criança aureolada de objetos a, o que a autora descreve como a falicização da criança, o que corresponderia em Freud, à noção de investimento libidinal. Conforme Laznik (2004):

Observamos que esta falicização da criança se situa somente no olhar do Outro, e aqui o A maiúsculo se impõe clinicamente, pois na sua relação à imagem, ao seu semelhante, o sujeito só pode se ver como marcado pela falta. (p. 55)

A autora, assim, destaca que a imagem real, que corresponde a falicização, só pode ocorrer no olhar do Outro. Este olhar deve ser tomado aqui como oposto a visão, Laznik (2004) o situa na dimensão de um vir a ser, um advir, o que conduz a noção de ilusão antecipadora. A imagem real equivaleria, assim, a necessidade de que a criança venha a ocupar o lugar de *His majesty the baby*, proposta por Freud, o que só é possível quando a mãe situa a criança no lugar de ideal, de acordo com a autora. Sendo assim, Laznik (2004) relaciona a impossibilidade de instauração apropriada do estágio do espelho aos dois momentos de reconhecimento:

Poderíamos então deduzir que a impossibilidade de uma instauração apropriada do estágio do espelho em uma criança, consiste na não-assunção jubilatória diante de sua própria imagem ou na não-demanda de reconhecimento (por exemplo, nessas crianças que evitam virar a cabeça para o adulto que as carrega), poderia ser o efeito de uma falha deste reconhecimento primeiro? Uma tal falha poderia desde então dar conta deste *evitamento* que lembra uma forclusão, uma supressão dos signos perceptivos do que poderia se fazer no *olhar* da mãe, no sentido da sua *presença*; de seu investimento libidinal? (p. 53-54)

Logo, uma falha nesse primeiro reconhecimento, poderia dar conta do evitamento do Outro, apresentado pelas crianças autistas, que parece coincidir com essa supressão dos signos perceptivos que poderiam se fazer no olhar da mãe, no sentido de indicar sua presença, seu investimento libidinal. Desta forma, a questão do olhar do Outro na constituição do eu, fundamenta a alienação em sua consistência imaginária.

Por outro lado a consistência real da alienação é dada pelo remate do circuito pulsional, o que Laznik (2004) considera que fracassa no autista. Para fazer esta afirmação a autora retoma a teoria das pulsões proposta por Lacan no Seminário 11.

Lacan (1964/1979), por sua vez, realiza um retorno ao texto metapsicológico de Freud sobre as pulsões e afirma que para tratar deste conceito é inevitável fazer referência a um dado último, ao arcaico, ao primordial. Inicialmente o autor procura demonstrar que pulsão e necessidade não coincidem:

Freud coloca, da maneira mais formal, que não se trata absolutamente, no *Triebe*, da pressão de uma necessidade tal como *Hunger*, a fome, ou *Durst*, a sede. Com efeito, para examinar o que é do *Triebe*, refere-se Freud a algo cuja instância se exerce no nível do organismo em sua totalidade? Em seu estado de conjunto, faz o real aqui sua irrupção? É o vivo que está interessado aqui? Não. (p. 156)

O autor explicita que na pulsão não é ao vivo, ao biológico, que ela está referida. Laznik (2004) sublinha que a precisão de Lacan é essencial, pois frequentemente é rebatido que se a criança autista se mantém em vida, é porque a pulsão está em funcionamento. A autora aponta que em Lacan o conceito de pulsão não trata do que pertence ao biológico, mas indica a articulação entre significante e corpo:

Em Lacan, a pulsão não é mais um conceito limítrofe entre o biológico e o psíquico, porém um conceito que articula significante e corpo. O corpo não é o biológico, é, como vimos na primeira parte, uma construção que implica uma imagem totalizante *i* (a), na composição do qual o Outro como olhar tem um lugar fundamental. (p. 59)

O corpo falado não é biológico, mas uma construção na qual o Outro tem um lugar fundamental. Laznik (2004) desdobra a questão do Outro necessário ao surgimento do sujeito:

Vemos que através da sua teoria das pulsões, Lacan propõe redobrar a questão do surgimento do sujeito (do inconsciente) – no campo do Outro na sua ligação com o significante – com aquela do assujeitamento ao Outro real, quer dizer, ao mesmo tempo Outro e pequeno outro, desdobramento necessário para que se possa falar de seu desejo ou de seu gozo. Tendo tido que ocupar esse lugar, posso dizer que ele comporta alguma coisa dessa ordem. (p. 64)

A autora demonstra que o surgimento do sujeito só pode se dar a partir do assujeitamento ao Outro real, desempenhado pelo cuidador - pequeno outro e grande Outro simultaneamente - através dos significantes que este irá lhe emprestar. Dessa forma, Laznik (2004) aponta que dimensão real da alienação se dá através da instauração do terceiro tempo do circuito pulsional, onde surge um novo sujeito, que não é o *Ich*, mas o outro.

Creio poder afirmar que a instauração do terceiro tempo do remate pulsional instaura a alienação na sua dimensão real. É nesse terceiro tempo que o *Ich* se faz objeto para um novo sujeito, e é nesse assujeitamento do *Ich* que se vê surgir o sujeito, que não é *Ich* mas o outro. Alienação real, já que, eis que o sujeito do meu circuito pulsional não é Eu mas outro. Esta alienação real vem se enodar a alienação simbólica, que se sustenta no fato de que, quando Eu falo, é pelos significantes do Outro e portanto numa alienação inevitável. Enfim o assujeitamento a este outro da pulsão visa dar ao *Ich* corpo, através da enodação possível com a dimensão, imaginária desta vez, da alienação da qual falamos na primeira parte deste texto, aquela que se efetua no reconhecimento de seu eu através da imagem especular de seu semelhante. (p. 65)

Por conseguinte, de acordo com a autora, a alienação real, que se dá através do remate do circuito pulsional, se enodaria a alienação simbólica, nesse assujeitamento inevitável aos significantes do outro e à alienação imaginária, que se efetua no reconhecimento do eu na imagem especular de seu semelhante, que permitiria dar ao *Ich* um corpo.

Ainda de acordo com Laznik (2004), pode-se constatar nas crianças autistas uma linguagem que não se encarna. O que a autora sustenta que se daria em consequência da falha no tempo de alienação. A autora explicita:

Parece-me agora possível fazer a hipótese de um fracasso, nos autistas, do tempo de *alienação* da constituição do sujeito; e isso, entre outros, pela impossibilidade ou a recusa do remate do terceiro tempo do percurso pulsional – tempo onde o *Ich* se faz objeto de um novo sujeito. Esta hipótese poderia certamente dar conta do fato que se constata às vezes neles uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num *Outro simbólico-puro código*, sem poder se articular a um *Outro real* que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estágio do espelho e à constituição de eu e à alienação imaginária que esta instância comporta. (LAZNIK, 2004, p. 65)

Logo, essa falha no processo de alienação, em consequência de uma impossibilidade ou recusa do terceiro tempo pulsional, clarifica a questão dessa linguagem não inscrita no corpo. A linguagem é tomada como puro código, uma vez que não dá conta de articular um Outro real e nem um Outro imaginário. A inversão pronominal pode ser tomada, assim, como uma característica que ocorre em consequência de uma inacessibilidade ao estágio do espelho e à constituição do eu e à alienação imaginária que esta instância comporta.

### 3) Nomeação

A nomeação é a particularidade da linguagem que consiste num uso voltado não para comunicação ou declaração, mas numa espécie de monólogo. Substantivos são enumerados e recitados sem a finalidade de estabelecer laço com os outros, mas aparentemente num exercício de memorização. Atrelado a esse uso particular da linguagem, podemos destacar a ausência de gestos de apontamento e uso de partes do corpo do outro como objeto ou extensão de seu próprio corpo. Maleval (2015) apresenta uma diferenciação entre os gestos de apontamento que podem ser: proto-imperativos ou protodeclarativos.

Assim, nessa comunicação intencional primitiva existem gestos de apontamento “proto-imperativos” e “protodeclarativos”. A função “imperativa” designa a intenção de satisfazer uma necessidade; a criança a utiliza para obter alguma coisa do adulto. A função “declarativa” designa a intenção de chamar a atenção do outro e de dirigi-la para um objeto, com o objetivo de indicar sua existência, compartilhando seu conhecimento com outros. No curso do seu desenvolvimento, os gestos proto-imperativos aparecem primeiramente, entre seis e sete meses, seguidos de gestos proto-declarativos, em torno de doze meses. (p. 17)

De acordo com o autor, os apontamentos proto-imperativos possuem o propósito de satisfazer necessidades, enquanto os protodeclarativos indicam o desejo de chamar atenção do outro para um objeto, compartilhar conhecimentos e experiências. As crianças observadas por Kanner (1943) não apresentavam gestos de apontamento no tempo esperado de seu desenvolvimento e expressavam suas necessidades utilizando as partes do corpo de outras pessoas como objetos para atingir seus objetivos, Maleval (2015) assinala:

[...] As pesquisas experimentais mostram que distúrbios de atenção conjunta [nos autistas] não concernem à função imperativa, mas à função declarativa”. Os autistas não procuram chamar a atenção dos outros utilizando gestos de apontamento. Eles não são incapazes de apontar, mas quando o fazem, não usam o seu olhar para chamar a atenção do adulto para o alvo de interesse. Eles não parecem esperar qualquer coisa do outro; em contrapartida, o adulto pode ser utilizado como um prolongamento de si mesmo, tomando-lhe a mão para servir-se dela como uma ferramenta para alcançar o objeto cobiçado.” (p. 17)

O autor destaca que no autismo as perturbações se ligam à função declarativa, enquanto a função imperativa é desenvolvida, seja através do apontamento, seja através da utilização do outro como prolongamento de seu corpo. A ausência do gesto de apontamento não parece estar ligada a uma dificuldade motora ou cognitiva, mas a uma recusa ao contato com o outro, ao nível de um prazer compartilhado, uma vez que esse contato não é recusado ao nível da satisfação de necessidades, o que é recusado é possibilidade de laço.

Além de indicar uma recusa ao laço com o outro, ao nível de um compartilhamento de prazer, a categoria nomeação indica uma forma particular de apreender a realidade, Maleval (2012) ressalta este aspecto da linguagem dos autistas:

Uma das particularidades da língua factual dos autistas, sublinhada por todos os especialistas, reside no emprego massivo de substantivos, categoria linguística que exprime apenas a existência das coisas. A ancoragem na concretude que ela atesta parece provir da preocupação de só utilizar essencialmente palavras que tem como referente um objeto circunscrito na realidade. Contudo, existem muitas palavras que necessitam de uma apreensão de um contexto e de uma comparação com outras palavras para serem compreendidas. (p. 56)

O grande uso de substantivos, que nomeiam, e assim se reportam a existência de determinado objeto, indica um tipo de linguagem ancorada na concretude, que não abre espaço para a existência de um mundo subjetivo, uma vez que só pode apreender objetos na realidade observável de sua materialidade. Dado que, as palavras não podem se limitar exclusivamente a uma significação e que necessitam estar em relação com outras para que seu entendimento mínimo seja alcançado, esta forma de utilização da linguagem recai em outra particularidade, descrita a seguir.

#### 4) Inflexibilidade

A Inflexível é a particularidade que diz respeito à dificuldade de, após ter aprendido o significado de uma palavra, dar outros significados a mesma e também a utilização das palavras em sentido estritamente literal. Sobre esse tema é preciso percorrer o trabalho de Lacan que revisita a obra de Ferdinand Saussure.

Lacan (1955-56/1988) retoma a linguística de Saussure, que afirma que o signo linguístico, ou seja, a palavra, é composto por significante e significado. O significante seria a imagem acústica da palavra, a impressão psíquica causada pelo seu som, uma imagem sensorial, nesse sentido ela é chamada de material. Já o significado seria o conceito associado à palavra (SAUSSURE, 1957-1919/2006). Lacan (1955-1956/1988) destaca que o significante deve ser tomado no sentido do material da língua, porém o significado não são os objetos, as coisas; mas este deve ser localizado no âmbito da significação:

Vocês se lembram que, em linguística, há o significante e o significado, e que o significante deve ser tomado no sentido do material da linguagem. A armadilha, o buraco no qual não se deve cair, é a de crer que o significado são os objetos, as coisas. O significado é coisa totalmente diversa - é a significação, sobre a qual eu expliquei para vocês, graças a Santo Agostinho, que é linguista tanto quanto o Sr. Benveniste, que ela sempre remete à significação, isto é, a uma outra significação. O

sistema da linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem. Vocês nunca podem dizer que é isso que é designado, pois, mesmo quando conseguirem, vocês nunca saberão o que eu designo nesta mesa, por exemplo, a cor, a espessura, a mesa enquanto objeto, ou qualquer outra coisa que seja. (p. 42-43)

Ou seja, o significado de uma palavra só pode ser dado a partir de sua relação com as outras palavras do discurso. Assim, no sistema da linguagem, uma significação remete sempre a outra significação, sendo que neste sistema, nunca se reduz um indicador diretamente a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede de linguagem.

Lacan (1955-56/1988) destaca que no dizer psicótico, onde ele situa a linguagem do autista, a significação só remete a ela própria, permanecendo irreduzível.

É uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal. (p. 43)

A questão da significação no dizer psicótico assume um caráter diverso, esta não pode ser lida no encadeamento dos significantes. A significação de uma palavra tem um peso em si mesma, apresenta algo de indizível, que só pode ser encontrado nela própria. Lacan (1955-56/1988) descreve duas formas assumidas pela significação, a mais plena, denominada de intuição, e a mais vazia, intitulada como fórmula. A intuição seria o fenômeno em que a significação assume o caráter de plenitude, de revelação de uma nova perspectiva, de cunho original e sabor particular. Esta forma de significação não será explorada neste trabalho. A outra forma de significação é a fórmula, apresentada por Lacan (1955-56/1988) a seguir:

Em oposição, há a forma que a significação toma quando não remete mais a nada. É a fórmula que se repete, que se reitera, que se repisa com uma insistência estereotipada. É o que poderemos chamar, em oposição à palavra, o ritornelo. (p. 44)

O fenômeno da fórmula é caracterizado pelo esvaziamento da significação, ao contrário da intuição que expressa um mundo subjetivo, ela não remete a mais nada e se repete de forma estereotipada. O fenômeno da fórmula parece se manifestar e se relacionar com uma característica marcante do autismo, a saber a preferência pela mesmice, pela repetição.

Como coloca Lacan (1955-56/1988), em oposição a palavra, se dá o ritornelo, este sinal que indica na partitura musical a repetição de um trecho que deve ser repetido. Também é chamado de ritornelo o trecho de uma composição que é repetido várias vezes na música. A

estrutura autística parece ser tomada nessa dimensão: o autista repete uma série, seja sua rotina, suas palavras, suas perguntas, seus contatos. A mudança geralmente está ausente. A partir das observações feitas por Kanner (1943/1997), é possível notar que a repetição está presente em várias particularidades da linguagem apresentadas neste trabalho.

O fato de que uma palavra só possa ser usada com apenas um sentido, sentido este que provavelmente foi o sentido inicial dado a essa palavra, deve ser salientado. Pelo deslizamento do sentido ser um fato corrente na língua, não nos damos conta do quão importante ele se torna na linguagem. Sobre o discurso do psicótico (onde ele situa o do autista), Lacan (1955-56/1988) afirma que o que é importante de ser ressaltado não é que haja algo de compreensível, mas pelo contrário, o surpreendente é que este discurso é inacessível, inerte, em relação a qualquer dialética.

A coisa que se esquece é que o próprio do comportamento humano é a movência dialética das ações, dos desejos, e dos valores, que os faz não somente mudar a todo momento, mas de maneira contínua, e até mesmo passar a valores estritamente opostos em função de um rodeio do diálogo. [...] A possibilidade do recolocar em questão a cada instante o desejo, a afeição, e mesmo a significação mais perseverante de uma atividade humana, a perpétua possibilidade de uma inversão de sinal em função da totalidade dialética da posição do indivíduo, é experiência tão comum que se fica estupefato de ver essa dimensão esquecida, desde que se tem de lidar com um semelhante que se quer objetivar. (p.33)

O autor assegura que o que é próprio do comportamento humano é a possibilidade de se colocar em relação a um conjunto de fatores e, dependendo destes, poder operar mudanças, mudanças a cada momento, mudanças contínuas e inclusive mudanças radicais. Assim, a possibilidade de relações dialéticas, tão característica ao humano, encontra-se prejudicada no indivíduo autista, que apresenta uma forma própria de se relacionar com seu entorno, que é manifestada por sua linguagem.

Sobre a questão do significante e da não implicação do sujeito no discurso, Maleval (2012) esclarece de que modo o autista consegue fazer uso da linguagem:

Efetivamente, a partir de Saussure, sabemos que, na língua, só existem diferenças: o signo, o significante e o significado só se definem em sistemas de oposições diferenciais e interdependentes. Disso resulta que a significação de um elemento ocorre apenas na sua relação com os outros, o que implica um trabalho subjetivo e um exercício de julgamento, no qual o autista não se arrisca. Ele se orienta em direção a uma linguagem que descreveria os fatos sem que ele mesmo tenha de interpretá-los. (p. 56)

Assim, pela ausência da função significante, o autista faz uso de uma linguagem que não o implica subjetivamente e que tem por ideal um código onde se pode conectar palavras a

objetos e situações específicas de modo bastante rígido. A “preferência” pela literalidade pode estar ligada, assim, à forma de utilizar o signo linguístico, procurando sempre relacioná-lo a um objeto concreto ou a uma imagem. Entretanto, apesar do esforço do autista para apreender a linguagem a sua maneira, continuam a existir palavras que escapam a apreensão através de imagens. Assim, elementos como conjunções, preposições, advérbios e conceitos relativos a certas conjugações verbais só podem ser utilizados corretamente através de recursos como a imitação, memorização e por processos de inteligência (MALEVAL, 2012).

Não apenas o sentido das palavras, mas também a grafia devem ser inflexíveis para o autista. As crianças observadas por Kanner (1943/1997) demonstraram uma excessiva preocupação com as regras de ortografia e os processos de formação de palavras, dado que não compreendiam como um mesmo som podia ser grafado de diferentes maneiras.

Mais uma vez, a língua é um objeto de preocupação, para as crianças autistas, por ser um objeto difícil de ser dominado, em virtude de não obedecer regras extremamente rígidas. De acordo com Maleval (2012):

O caos os faz sofrer, de modo que são particularmente atraídos pela ordem das coisas. Para entender o autismo, é essencial apreender o quanto sua busca das regularidades é importante [...] (p. 51)

Maleval (2015) assinala que o autista busca regras absolutas que diminuem o desejo de imutabilidade e a angústia causada pela mudança, na busca por um Outro de síntese, um todo coerente, por isso não pensa em questionar as regras, estas funcionam como apaziguadoras. Nesta particularidade há uma procura por uma ordenação na linguagem, tal qual na Repetição de Sentenças e Sequências que será explorada a seguir.

##### 5) Repetição de Sentenças e Sequências

Essa particularidade da linguagem concerne à disposição, observada nas crianças analisadas por Kanner (1943/1997), a criação de modelos complexos de reprodução de sentenças e sequências. Inicialmente, a repetição de sequências é usada como um recurso para organizar o mundo a sua volta, posteriormente, essa repetição se dá na linguagem, através da repetição das sentenças ouvidas da mesma forma que são faladas. Resulta desse movimento a construção de sequências, sem aparente significação, e a repetição de sentenças em contextos específicos, que exigem a utilização de recursos de memorização e inteligência bastante desenvolvidos.

A Repetição de Sentenças e Sequências parece mais uma vez cumprir o papel de interpor-se entre a criança e o outro, que com ela estabelece um enlace. Barroso (2012) aponta dois modos de ação do autista em relação ao verbo:

Há, no entanto, uma dupla ação do autista em relação ao verbo. De um lado, ele se defende da enunciação transmitida nas palavras que ouve e nas que pronuncia, por meio de diversas estratégias neutralizadoras da ameaça encarnada pelas palavras. As palavras são invasivas por estarem fora de um discurso. Elas petrificam o corpo, congelam-no, agitam-no, sem que o sujeito possa dar-lhes um sentido. Para se defender, o sujeito vai dar um tratamento a essas palavras, repetindo-as, reduzindo-as a ritornelos despedaçando-as, fragmentando-as, etc. (p. 144)

De acordo com a autora, o autista procura se defender da enunciação, tanto nas palavras que ouve, quanto nas que pronuncia, uma vez que estas palavras agem em seu corpo sem que ele possa dar um sentido a elas. Para tanto, ele utiliza estratégias neutralizadoras como a repetição, o despedaçamento, a fragmentação. O despedaçamento e a fragmentação consistem em dividir palavras a sílabas ou letras, como forma de proteger-se de seus efeitos. Mais uma vez a repetição é situada como uma característica do modo de funcionamento autista, ela permite que, de certa forma, o autista controle a enunciação por ele recebida. O outro modo de ação dos autistas sobre os vocábulos é descrito por Barroso (2012), a seguir:

[...] o autista pode recorrer a pura alternância significativa para tratar o Outro desregulado e por isso mesmo ameaçador. Os autistas “não se contentam, no entanto, em preservar-se do campo do Outro, pois estão continuamente ocupados na realização de uma construção que tem sempre estrutura de linguagem”. O que ingenuamente costuma-se chamar de condutas estereotipadas, a exemplo das batidas, das repetições, dos rituais, da alternância de ritmo, tão frequentes junto a essas crianças, podem constituir, a luz da orientação lacaniana, construções decisivas para a regulação do Outro invasivo. (p. 144)

A autora sustenta que os autistas utilizam construções com estrutura de linguagem que permitem regulação do Outro invasivo, as chamadas condutas estereotipadas, batidas, repetições e rituais são exemplos dessas construções. Assim sendo, poderia também ser incluído nessas construções as repetições de sentenças e sequências, onde o sujeito não comparece. Fica evidente uma tentativa de se manter a distância dos aspectos de enunciação da linguagem.

Kanner (1943/1997) também sustenta que a repetição de sentenças e sequências passam a acontecer em contextos específicos, numa busca por repetir o seu uso inicial, resguardando-as de possíveis modificações. Barroso (2012) observa que que as primeiras tentativas de utilização da linguagem com fins de comunicação, nos autistas, se fazem a partir

de segmentos significativos estruturados, de frases, palavras ou fragmentos de canções, que se ligam a um contexto específico. O caráter alusivo de tais expressões, frequentemente as torna obscuras para os pais, o que assegura um caráter hermético às palavras. Tais construções, utilizadas para proteger-se do outro, são, ao mesmo tempo, uma via para que as crianças autistas tenham a possibilidade de fazer um enlace com o outro, sem que haja a necessidade da aparição de um sujeito.

Ademais, pode-se depreender desta particularidade uma tentativa de ordenação da linguagem, que se baseia em uma rigidez que não abre espaço para os aspectos subjetivos presente na linguagem. Sobre esses aspectos da linguagem, Murce Filho (2004) esclarece:

No momento em que se apresenta desordenadamente, seja no equívoco, no lapso, no poético ou no chiste, por exemplo, a língua faz presente um sujeito. Esta é a sua ordem. E sua injunção. E este ser, feito sujeito porque fala, busca sentido, busca uma ordem, busca um gozo. (p. 130)

Como coloca o autor, a língua quando falada presentifica um sujeito, apesar de possuir uma estrutura de ordenação, que busca um certo entendimento entre as partes, comporta também uma desordem, uma dimensão incapaz de ser simbolizada, mas que se manifesta e busca o compartilhamento de um gozo. Entretanto, o autista, como assinala Maleval (2012), esbarra justamente na questão do gozo:

No entanto, a relação do sujeito autista com a linguagem possui uma constante: a retenção do objeto de gozo vocal, a recusa a assumir a voz enunciativa na fala; mas as maneiras de fazê-lo são múltiplas: mutismo, ecolalias, canções, verbiagem, falas sem afeto, etc. (p. 52)

A retenção do gozo (vocal) - mas não só este - indica a não renúncia a um gozo fechado, que fica preso no corpo, num circuito de autossensualidade e que exclui a dimensão sexual e a dimensão do outro. Dessa forma, a retenção do gozo vocal, que se manifesta na recusa em assumir a voz enunciativa na fala é realizada de várias maneiras, sendo a repetição de sentenças e sequências mais uma delas, outra forma de empreender essa recusa é a Ecolalia Tardia, que será pormenorizada a seguir.

## 6) Fala Monocórdica

Esta particularidade da linguagem, denominada neste trabalho como Fala Monocórdica, diz respeito ao uso de uma voz sem entonação, que apagava a dimensão afetiva presente na fala empregue pelas crianças observadas por Kanner (1943/1997). Nota-se que

apesar das crianças conseguirem reproduzir as entonações em suas ecolalias, elas não utilizavam esse aspecto da fala em todas as suas produções, fazendo uso, então, da fala monocórdica.

Vivès (2018a, no prelo) destaca que os autistas não recusam a comunicação em si, ou a recusam em menor grau, o que é recusado por eles é a fala, logo, uma recusa da dimensão enunciativa. Desta forma, o autista fala com a condição de apagar a dimensão pulsional ligada à enunciação, de acordo com o autor:

O que o autista nos apresenta é menos uma recusa a comunicar do que uma recusa a falar, uma recusa da dimensão enunciativa e, logo, do sacrifício da voz que isso implica. Falar é dar a voz, é sacrificar a voz no altar da palavra e, então, aceitar se separar dela. O autista fala com a condição de apagar a dimensão enunciativa do que diz. Ele tenta produzir uma palavra desconectada da dimensão subjetiva, o que resulta em estereotípias verbais e ecolalias. A dimensão pulsional ligada à enunciação é evitada tanto pelo locutor autista quanto por aquele que se dirige a ele. (p. 02)

Para Vivès (2018a, no prelo), falar é dar a voz, aceitar dela separar-se. Entretanto a dimensão pulsional ligada à fala é evitada pelo autista. Para perceber o que é recusado pelo autista, é preciso retomar o circuito realizado pela pulsão invocante, Vivès (2012) o descreve:

O grito do *infans* não o representa para a mãe, caso em que estaríamos no registro do signo. Em vez disso, ele representa o sujeito para o conjunto dos significantes a advir. A resposta do Outro, a recepção que reserva o puro grito, transformando-o em grito “para”, leva à significação do sujeito à luz do significante do Outro, reencontrando-se assim os três tempos do circuito da pulsão escópica descrito por Freud em “As pulsões e seus destinos”: a) ser ouvido: momento mítico que corresponderia à expressão do grito. Nesse estágio, o sujeito ainda não existe, devendo ser situado no âmbito do que Lacan destaca, em O Seminário, livro 10: a angústia, sob a fórmula paradoxal de sujeito do gozo. A posição ativa só será percebida como tal no só-depois do encontro com o Outro; b) ouvir: o segundo tempo corresponde à aparição do Outro da pulsão que responde ao grito; c) se fazer ouvir: tempo em que o sujeito em-via-de-tornar-se assume a própria voz, indo em busca do ouvido do Outro para dele obter uma resposta (Freud, 1915: 176). (p. 21 )

O autor destaca que para se fazer ouvir, é preciso que o bebê, inicialmente, cesse de ouvir a voz originária – o que o psicótico não consegue –, e também seja capaz de invocar, ou seja, sustentar a hipótese de que há um não surdo que pode ouvi-lo, razão pela qual o “se fazer ouvir” corresponde ao apassivamento da pulsão invocante. Não se trata de “ser ouvido”, como no momento em que o Outro primordial respondeu ao grito, nem de “ouvir”, como se passa na resposta dada pelo Outro a esse grito: trata-se de “se fazer ouvir”. Por conseguinte, Vivès (2012) sustenta a hipótese de que organização do campo sonoro gira em torno da constituição de um ponto surdo, o autor esclarece:

O circuito da pulsão invocante implica a presença do Outro: após haver ressoado no timbre do Outro, o sujeito, ao longo do processo de recalque originário, simultaneamente assume e rejeita esse timbre. Com efeito, ele o assume em razão de um “sim” ter acolhido a voz arcaica (*Bejahung*) e também a rejeitado (*Ausstossung*), devendo o sujeito tornar-se surdo para adquirir a própria voz. Aqui, pode-se balizar como o não está a serviço do sim. A rejeição da voz do Outro permite responder ao seu chamado. Na ausência desse não, o sujeito não pode responder ao apelo, sendo tomado por essa voz da qual não pode se livrar. (p.20)

Portanto, de acordo com o autor, o sujeito deve ter a capacidade de, depois de ter aceitado a voz originária, esquecer-la, sem que por isso, o ato de esquecer seja esquecido, enodando-se aí, em sua função de subjetivação, a pulsão invocante.

Segundo Vivès (2012), o autista, não tendo cedido o objeto voz, como o neurótico, não experimenta “eco no corpo do fato que há um dizer” (LACAN *apud* VIVÈS, 2012) e sim uma ressonância petrificada. O autor prossegue destacando que não é uma dimensão qualquer da voz que o autista tenta colocar a distância:

Não é qualquer dimensão da voz que o autista tenta colocar à distância. Nós sustentamos a tese de que corpo e linguagem entram em ressonância a partir do timbre, que definiremos como a dimensão real da voz “sonora”. (2018b, p. 03)

Desta forma, o autor conclui que o timbre articula corpo e linguagem e dá testemunho de um real que não pode ser simbolizado pela voz. Porém, como não há cessão do objeto voz pelo autista, o timbre é sentido como um excesso e, assim, a voz monocórdica operaria uma perda artificial daquilo que é sentido como excessivo. O autor complementa:

A voz maquínica, por sua vez, permitiria, pelo silêncio do timbre, a introdução de um ponto-surdo e assim conduziria à possibilidade de experimentar, pela criança autista, a lacuna possível entre ela e esse objeto voz que lhe invade e sobre o qual ele não pode ceder em nada. Esse silêncio do timbre, verdadeira desmaterialização da voz, representaria isso que pode ser a renúncia ao gozo vocal e poderia tornar possível a articulação entre voz e fala. (2018a, p. 09)

Assim, tanto a voz maquínica, como a voz monocórdica, permite ao autista dominar a dimensão do timbre e dos efeitos da ressonância que ele produz, permitindo que o acesso a linguagem a partir do apagamento da subjetividade. Um recurso semelhante é utilizado na particularidade da linguagem tratada a seguir.

## 7) Fraseado Musical

A última particularidade da linguagem observada foi o Fraseado Musical. É assinalado por Kanner (1943) a grande proximidade das crianças, descritas em seus casos clínicos, com a música. O Fraseado Musical funcionava, assim, como um auxiliar na comunicação destas crianças, que o utilizavam como forma de pedido, para cantarolar ações executadas e etc.

A partir da discussão realizada sobre a Fala Monocórdica, é possível notar que o Fraseado Musical permite uma dominação da ressonância provocada pelo timbre, através da via inversa. Uma vez que o fraseado musical coloca a dimensão do timbre em primeiro plano, contrariamente a Fala Monocórdica, que busca apagá-lo, Vivès (2018b) esclarece:

Inversamente, o fraseado musical vai colocar essa dimensão do timbre em primeiro plano ao desconectá-la da dimensão de enunciado e do corpo. Tomamos emprestado de Stravinsky as seguintes (comme en français) palavras: “A música não diz nada, mas ela o diz bem”. Esta fórmula indica notavelmente na música uma disjunção entre o dizer e o dito. Com o fraseado musical, o autista se coloca a brincar com o timbre a fim de operar, com isso, uma regulação quanto à distância a tomar. Para tanto, ele vem recobrir o real da voz com a ajuda da dimensão imaginária. O resultado é, então, o mesmo que aquele obtido pelo investimento da voz maquínica, uma dominação da ressonância. (p. 13)

O fraseado musical permite, assim, a expressão de uma subjetividade, sem que para isso a palavra se faça necessária. Ambos, Fraseado Musical e Fala Monótona, cumprem para o autista a função de se extrair da petrificação ressonante (VIVÈS, 2018b). Vivès (2018b) procura demonstrar as duas abordagens por meio das quais os autistas tentam se proteger dos efeitos da ressonância do timbre:

Por estas duas abordagens, o autista tentaria se proteger dos efeitos de ressonância do timbre ao articular as redes imaginárias da prosódia ao canto ou, ao contrário, o desprovendo de todo envelope prosódico com a voz maquínica ou monocórdica. Em ambos os casos, trata-se para o autista de se extrair da petrificação ressonante. As observações clínicas nos conduzem a considerar que ele opera a partir de duas portas de acesso: o imaginário, com uma imaginarização da voz (fraseado musical) e o simbólico, codificação binária da linguagem demandando um apagamento da dimensão do timbre. No entanto, imaginário e simbólico não estão enodados para que um sentido emerja. (p. 14)

O autor conclui que o autista opera a partir de duas portas de acesso, o imaginário, através da imaginarização da voz, realizada pelo fraseado musical, onde há a expressão de sua subjetividade; e através do simbólico, pela codificação binária da linguagem, feita através do apagamento do timbre pela voz monocórdica. Entretanto, apesar dos autistas acessarem as redes simbólicas e imaginárias, através da fala monótona e do fraseado musical, a não articulação entre elas não permite que um sentido emerja.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que a linguagem é o que permite a estruturação do sujeito e que os humanos a ela estão submetidos, sendo a única alternativa que permite o enlace com os seus semelhantes, sua importância é fundamental para pensar o autismo, que é descrito inicialmente por Kanner (1943/1997) como uma patologia que busca a recusa do contato com o outro.

A partir dos casos apresentados por Kanner (1943/1997) em seu texto “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, foi realizado um recorte das particularidades da linguagem manifestadas pelas crianças observadas em seus estudos. Alicerçado no referencial da psicanálise, tomando por base Freud e Lacan, e utilizando autores que se debruçaram sobre essa questão, este trabalho se propôs a discutir as particularidades encontradas na linguagem das crianças autistas.

Essas particularidades foram agrupadas em 7 categorias – Ecolalia Tardia, Inversão Pronominal, Nomeação, Inflexibilidade, Repetição de Sentenças e Sequências, Voz Monocórdica e Fraseado Musical – e a partir delas foi possível apontar algumas características que norteiam o modo de funcionamento autístico.

Uma das características marcantes encontrada ao longo deste trabalho foi a repetição, marcada pela inflexibilidade, uma repetição estereotipada que não abre para o novo, mas que se fecha em si mesma. Desta forma, observa-se tal característica na Inflexibilidade, na Ecolalia Tardia, na Inversão Pronominal, e também na Nomeação. Esta inflexibilidade fica marcada como oposta àquela possibilidade do reenvio entre um significante e outro, tão característica do mundo simbólico humano, que abre espaço para pensar os múltiplos sentidos existentes na linguagem, que permite a criação do novo.

Outra característica relevante da linguagem das crianças autistas observadas por Kanner (1943/1997) foi a restrição em assumir o lugar de sujeito da enunciação, buscando o uso da língua onde não seja necessário se implicar subjetivamente. O sujeito da enunciação se entretém entre dois significantes, quando se toma a palavra esse sujeito aparece.

Inúmeros recursos são utilizados na tentativa de ordenar uma linguagem que possa fazer correspondências entre objetos e palavras, sem o espaço para o erro, o mal entendido, ou seja, sem espaço para o sujeito da enunciação. Como pode ser observado, por exemplo, nas categorias Nomeação, quando nomeia os objetos de forma definitiva, e na Inflexibilidade, quando uma palavra deve ter apenas um sentido. E ainda na tentativa de controle dessa

dimensão incontrolável da língua, ou seja, da dimensão enunciativa. Por exemplo, como busca-se na Ecolalia Tardia, através da colagem numa frase que não é produzida pelo sujeito e na Repetição de Sentenças e Sequências através da repetição e organização de elementos e frases para proteger-se da enunciação do outro.

Tomando as proposições de Vivès, é possível conceber que o timbre, a dimensão da voz que não pode ser mensurada e que é particular em cada ser humano, indica a presença de um sujeito. As duas particularidades da linguagem relacionadas à voz, a saber a Voz Monocórdica e o Fraseado Musical, visam promover, assim, a dominância do timbre, essa dimensão real da voz que escapa à simbolização.

Desta forma, por meio da Voz Monocórdica, a dimensão pulsional da linguagem é recusada através do apagamento da subjetividade, presente na voz por intermédio do timbre. Ao mesmo tempo, a dominância dos efeitos provocados pelo timbre, realizado pela Voz Monocórdica, permite o acesso do autista à linguagem através de sua codificação binária, pois há um apagamento do sujeito, com quem o autista parece não querer se confrontar.

O timbre também pode ser dominado através de sua exacerbação, realizada por meio do Fraseado Musical, que permite a expressão da subjetividade sem a necessidade da palavra, pela imaginarização da voz. Porém a não articulação entre essas duas dimensões não permite a emersão do sentido. Assim, se a subjetividade se constitui através da linguagem para os neuróticos, a separação entre mundo subjetivo e a linguagem no autismo é uma dimensão a ser evidenciada.

Este é um dado distintivo da linguagem do autista, percebido através das observações de Kanner (1943/1997), que a recusa não se dá ao nível da comunicação, mas ao nível do compartilhamento de prazer, o que é corroborado pelas pesquisas apresentadas no trabalho de Vivès (2018a). Desta forma, a comunicação pode desenvolver-se e vontades e desacordos podem ser expressados, porém o mundo subjetivo encontra-se relegado a segundo plano. O contato com o outro é limitado, então, ao atendimento de necessidades, ficando a dimensão do compartilhamento de prazer excluída.

Essa recusa ao prazer compartilhado pelo autista remete à teoria lacaniana das pulsões, cujo circuito não completaria seu terceiro tempo, momento onde surge um novo sujeito que vai se fazer de objeto para o Outro. Essa seria a dimensão real da alienação, o fato de que o sujeito que surge no remate da pulsão não é *Ich*, mas o outro. O que implica o fato de que para tornar-se sujeito, o *Ich* precisa se assujeitar ao Outro. Uma vez que se fala através dos

significantes do Outro, esse assujeitamento, essencial para a entrada na linguagem, não acontece para a criança autista.

Neste trabalho, o autismo foi pensado como uma falha no tempo da alienação. A dimensão real da alienação foi retomada acima; a consistência imaginária da alienação será abordada a seguir. A falha no processo de alienação em sua consistência imaginária tem como consequência a ausência de uma imagem totalizante, uma vez que para reconhecer sua própria imagem se faz necessário reconhecer a imagem de seu semelhante. Tais falhas na alienação manifestam-se na linguagem das crianças autistas através da não apropriação do discurso do Outro. Assim, uma linguagem onde o sujeito não se encarna é observada através de produções como a Inversão Pronominal, principalmente, onde o sujeito não consegue falar “eu”, por não se apropriar de sua imagem, e da Inflexibilidade, onde não consegue se apropriar da linguagem do Outro.

Estudando a questão da linguagem, percebe-se que o debate sobre alienação e sobre como se pode situar o autismo em relação às estruturas clínicas fica em aberto. A questão da alienação gera argumentações sobre a inserção ou não do autismo no campo das psicoses, uma vez que vários autores apontam que o processo de alienação pode de certa forma ocorrer, fazendo com que o autista assuma uma posição particular na linguagem. Mesmo recusando o contato com o outro, tão característico no autismo, o autista é mergulhado no mundo simbólico e de alguma forma, para adquirir a linguagem, terá de se assujeitar ao Outro.

A posição particular na linguagem assumida pelo autista, além de interrogar sobre a questão da alienação, dá mostras de um funcionamento que, apesar de recusar o laço com o outro, se serve de suas produções e é capaz de sustentar um enlace, desde que não precise assumir o lugar de sujeito da enunciação. Longe de esgotar a questão sobre o autismo e a linguagem, o convite deste trabalho foi propor uma conversa entre diferentes autores, perspectivas, pontos de convergência e divergência sobre as particularidades da linguagem da criança autista e refletir sobre como essas manifestações dão mostras do funcionamento autístico.

O texto de Kanner (1943) assegura que 8 das 11 crianças observadas adquiriram a habilidade de falar no prazo adequado e 3 delas permaneceram “mudas”. O autor sinaliza que, com o passar dos anos, essas crianças demonstraram uma maior aceitação pelas pessoas de seu círculo de convivência e uma redução de suas limitações comportamentais. Kanner (1943) afirma que com o decorrer do tempo o autista vai estendendo seus “pseudópodes” para o mundo, que até então se mantinha como desconhecido para ele. Fica como questão pensar

como essas crianças, que são descritas por Kanner (1943) como fechadas numa concha, entram na linguagem.

O processo de entrada do bebê humano na linguagem atesta que é por essa via que a subjetividade é constituída, e entraves em seu andamento acarretam em problemas na constituição psíquica. Além disso, a linguagem é o elemento da comunicação social, condição para a existência da sociedade (SOARES, 2007). Assim, quando se fala, elege-se um destinatário, produzindo o laço social, ou seja, o discurso (Soares, 2007). O discurso se constitui como um conceito entre a fala e a língua, é a participação do sujeito na tomada de posse da língua, remetendo a uma implicação do sujeito na fala individual (SOARES, 2007).

Ainda que não seja possível se falar em laço, uma vez que há uma recusa em assumir o lugar de sujeito da enunciação e, logo, do discurso, a entrada na linguagem se mostra como essencial para a inserção das crianças no âmbito social. Portanto, ainda que não seja possível fazer laço social através do discurso, é possível propor o termo enlace enquanto alternativa para a circulação do autista no campo social.

Para finalizar, este trabalho abre algumas questões que podem desembocar em pesquisas futuras: como as crianças autistas entram na linguagem, uma vez que recusam o lugar de sujeito da enunciação? E como há entrada na linguagem prescindindo do outro? Que tipo de linguagem elas conseguem produzir? O que se pode fazer para ajudá-la a entrar na linguagem? Quais são suas estratégias para inserção na linguagem e como estas podem ser incorporadas em uma intervenção?

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2013). *DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROSO, S. F. O autista, mestre da linguagem. In: Alberto Murta; analícea Calmon; Márcia Rosa. (Org.). *Autismo(s) e Atualidade: uma leitura lacaniana*. 616ed. Belo Horizonte: p. 135-146. 2012.

BERNARDINO, L. M. F. O desenvolvimento, a perspectiva estrutural e a psicanálise. In: BERNARDINO, L. M. F.; ROHENKOHL, C. M. F. (Orgs). *O bebê e a Modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 61-83.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016.

CRESPIN, Graciela. A clínica precoce: contribuições a emergência do psiquismo no bebê. In: \_\_\_\_\_. *A clínica precoce: o nascimento do humano*. São Paulo: A casa do Psicólogo, 2004. p. 13-45.

COUTINHO, ANNA A. et. al. Do DSM-I ao DSM-5: efeitos do diagnóstico psiquiátrico “espectro autista” sobre pais e crianças. Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública, 2013. Disponível em: <<https://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/2013/04/11/do-dsm-i-ao-dsm-5-efeitos-do-diagnostico-psiquiatrico-espectro-autista-sobre-pais-e-criancas/>>. Acessado em 05 jun. 2017.

FREUD, S. (1915). Pulsões e destinos das pulsões. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 145-173.

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 385-529.

GUERRA, Victor. *El ritmo em la vida psíquica: entre perdida e re-encuentro*. Em uma versão resumida este trabalho foi apresentado na mesa: Ritmo y subjetivación do colóquio Vínculos tempranos, clínica e desarrollo infantil. Montevideo, 2007.

JERUSALINSKY, A. Psicose e autismo na infância: Uma questão de linguagem. *Psicose*, 4 (9). Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1993.

JERUSALINSKY, J. Prosódia e enunciação na clínica com bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer. In: VORCARO, A. (Org). *Quem fala na língua? : Sobre psicopatologias da fala*. Salvador: Álgama, 2004. p. 206-228.

KANNER, L. (1997). Os distúrbios do contato afetivo. In P.S. Rocha (Org.), *Autismos* (pp. 111-170). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1943).

KUPFER, M. C. Tratamento e educação de crianças com transtornos graves. Um encontro entre psicanálise e educação especial. In: KUPFER, M. C. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. 2 ed. São Paulo: Escuta, 2001. p. 39-81.

KUPFER, M. C. O impacto do autismo no mundo contemporâneo. In: KAMERS, M.; MARIOTTO, R. M. M.; VOLTOLINI, R. (Orgs). *Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência*. São Paulo: Escuta, 2015. p. 169-184.

LACAN. (1955 – 56) O seminário, livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, J. (1953 – 54). Sobre o Narcisismo. In: \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979. p.128-139.

LACAN, J. (1964). O Seminário, Livro11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 1979.

LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAMEIRA, V. M; COSTA, M. C. S; RODRIGUES, S. M. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*. v. 17. n.1, jan., 2017. p. 67-78.

LAZNIK, M. C. *A voz da sereia*. Salvador: Álgama, 2004.

LAZNIK, Marie Christine, MAESTRO, Sandra, MURATORI, Filippo *et al.* Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. In: COLOQUIO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE A CLINICA COM BEBES, 1., 2005, Paris. **Proceedings online...** Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000072005000100004&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000072005000100004&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 13 Out. 2017

LIMA, T. de M. T. de. *Música e invocação: uma oficina terapêutica com crianças com transtornos de desenvolvimento*. São Paulo: USP, 2012.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MAIELO, S. En los origenes del lenguaje: Aspectos vocales y rítmicos de la relación primaria y su Ausencia en los estados autistas. Traducido del italiano por Ana María Lombardi de Kargieman y Narciso Notrica. *Controversias en Psicoanálisis de Niños y Adolescentes*. n. 13, p. 74-105, 2013.

MALEVAL, J.C. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas, in MURTA, A. & CALMON, A. & ROSA, M. (Orgs.). *Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum. 2012.

MALEVAL, Jean-Claude. Por que a hipótese de uma estrutura autística?. *Opção Lacaniana Online*, [S.l.], v. 6, n. 18, p. 1-40, nov. 2015.

MELLO, Ana Maria S. Ros de; ANDRADE, Maria América; HO, Helena; SOUZA DIAS, Inês de; *Retratos do autismo no Brasil*, 1ª ed. São Paulo: AMA, 2013.

MURCE FILHO, N.F. A (diz!) ordem própria da língua. *Alia*, São Paulo, v.48, n.1, 2004. p.119-133.

ROCHA, Fulvio Holanda. Autismo: controvérsias na psicanálise. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032002000400007&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400007&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 23 junho de 2017.

SAUSSURE, F. de. (1857-1913) *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, Julia Maciel. *Possibilidades e limites do tratamento psicanalítico da psicose infantil em instituições de saúde mental*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.47.2007.tde-17012008-134615. Acesso em: 2018-06-24

VELOSO, CAETANO. Oração ao tempo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HQap2igIhxA>> Acesso em: 23 junho 2018.

VIVÈS, Jean-Michel. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra-capá, 2012.

VIVÈS, Jean-Michel. *Autismo e voz maquínica*. Tradução de Olívia Loureiro Viana e Angela Vorcaro. 2018a. pp. 1-09. No prelo.

VIVÈS, Jean-Michel. *Da cessão impossível do objeto voz ao investimento possível de uma voz: O passe ressonante do autista*. 2018b. pp. 1-16. No prelo.

VORCARO, A. Da holófrase e seus destinos. In: \_\_\_\_\_. *Crianças na psicanálise: Clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 1999. pp. 19-58.

.